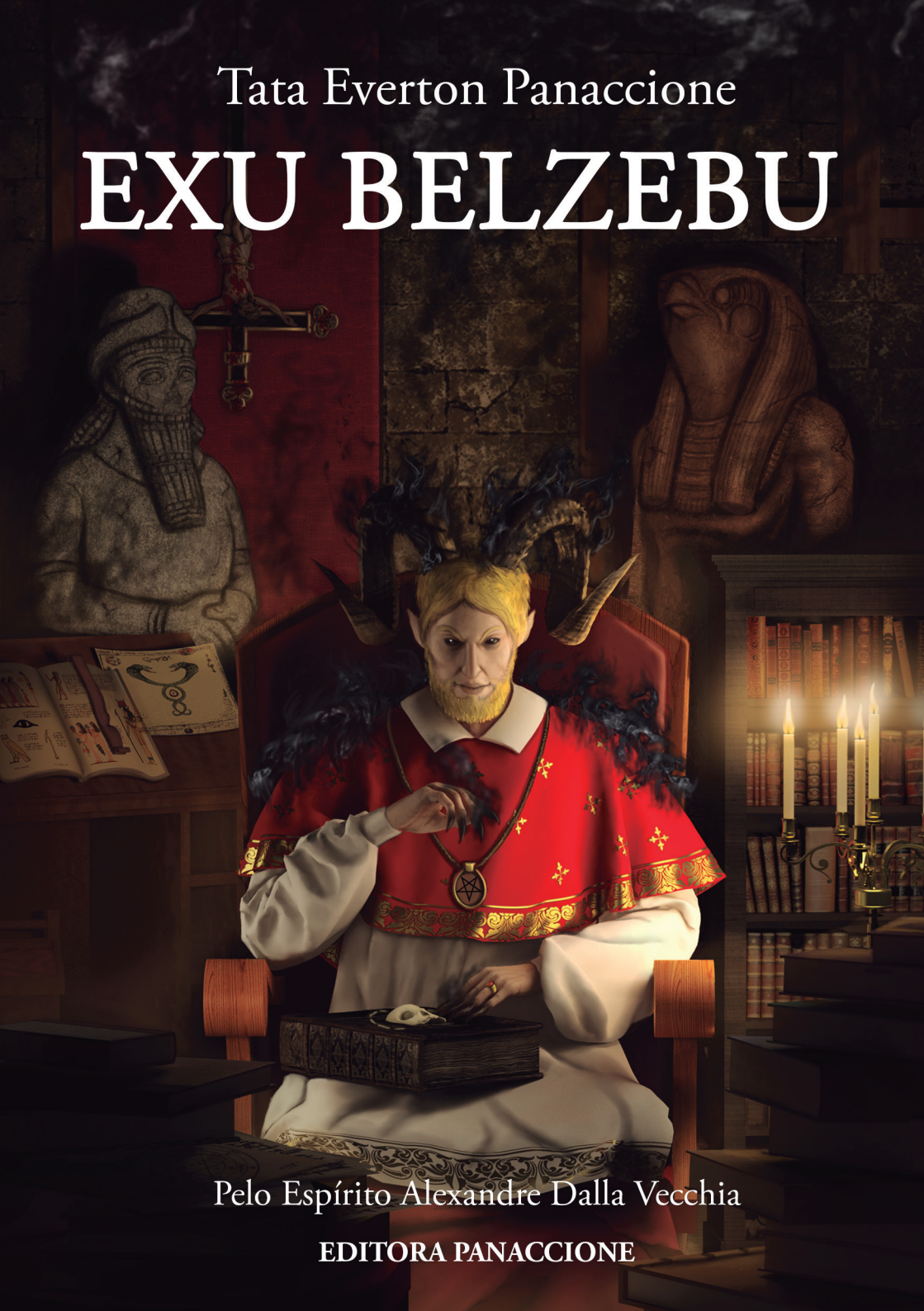
Tata Everton Panaccione

EXU BELZEBU



Pelo Espírito Alexandre Dalla Vecchia

EDITORA PANACCIONE

EXU BELZEBU

Everton Panaccione

EXU BELZEBU

Editora Panaccione
2018

Copyright © Everton Panaccione

Revisão de textos: Laís Carrasco
Capa: Mikaelius
Ilustração da capa: Mikaelius
Projeto gráfico e paginação: B. Acosta

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Panaccione, Everton
Exu Belzebu / Everton Panaccione. --
São Paulo: Ed. Panaccione, 2018.

ISBN 978-85-52995-00-5

Índices para catálogo sistemático
1. Parapsicologia, Ocultismo e Espiritismo - 130

2018
Todos os direitos desta edição reservados a
EDITORA PANACCIONE
Rua Lua D'Agua, 19
Jardim Camargo - São Paulo - SP - Brasil

Contato: (11) 94917-2270 / (11) 2556-6661
Facebook: *Quimbanda Templo Mamba Negra*
E-mail: evertonpanaccione@hotmail.com

O MÉDIUM

Caro leitor, é uma honra poder lhe apresentar esse trabalho mediúnico que me foi ditado pelo Exu Belzebu, entidade pela qual considero um Pai para mim. Recebi a incumbência segundo os Espíritos Quimbandeiros de que sou o médium escolhido para trazer a doutrina da Quimbanda no Brasil. A Quimbanda necessita de instrução, esclarecimento, compreensão de suas leis e de suas formas de trabalhos ritualísticos. Trago-vos a história de Exu Belzebu. Há muito aprendizado dentro dela, vale a pena ler e ver a originalidade que este espírito trata de questões tão importantes e pouco discutidas em nosso meio espiritualista. Eu como um médium, tive a sensibilidade espiritual desde muito cedo aflorada pelos caminhos da Quimbanda, tenho muita fé em Exu Belzebu e sei que ele irá trazer a sabedoria da Quimbanda para todos os que buscam encontrar seu caminho. Lhe desejo uma boa leitura e muito axé em sua vida.

Tata Everton Panaccione

PREFÁCIO

Salve as forças, salve o poder da magia, salve a Nganga!

Neste caminho a encruzilhada é escura e com muitos perigos, almas encharcadas pela dor e pelo sofrimento rondam os menos desavisados e curiosos que espreitam enxergar aquilo que é proibido. Lobos famintos e sedentos de seres que buscam a luz em homens ambiciosos e sem caráter, eles se revestem de uma armadura gentil e amigável para engendrarem seus domínios e aplicá-los sobre as mentes humanas. Eu fui um deles. Permita-me contar-lhe minha história e mostrar-lhe que os homens sombrios são os mesmos do passado, eles agora só mudaram de pele, porém, são as mesmas almas obcecadas pelo poder e a glória.

Decidi contar minha história em um livro após a minha mensagem mediúnica ter sido transmitida através do Diálogo Com Os Espíritos. O esclarecimento sobre a Quimbanda é extremamente importante e urgente neste momento da humanidade. Chegou a hora da Quimbanda ser revelada e esclarecida. Muitas almas se encontram perdidas e nós Exus Quimbandeiros somos normalmente sempre a última porta a se bater e buscar solução. Mas, sempre há uma esperança para todos aqueles que possuem fé e confiança no Povo da Rua.

Pelo Espírito
Alexandre Dalla Vecchia

SUMÁRIO

PRÓLOGO	12
CAPÍTULO I -DESEJOS	13
CAPÍTULO II - O PACTO	17
CAPÍTULO III - GRIMÓRIOS E MAGIAS ANTIGAS	23
CAPÍTULO IV - A INQUISIÇÃO	28
CAPÍTULO V - PODER E REMINISCÊNCIAS	32
CAPÍTULO VI - INFERNO OU PLANO SOMBRIO?	36
CAPÍTULO VII - O PRIMEIRO CONTRATO	41
CAPÍTULO VIII - FEITIÇO DE AMARRAÇÃO	49
CAPÍTULO IX - MAGIAS E ESTUDOS	52
CAPÍTULO X - O NEGRO	57
CAPÍTULO XI - IRA DE XANGÔ	59
CAPÍTULO XII - A DONA 7 FACADAS	63
CAPÍTULO XIII - A MESA COM ESÚ	65
CAPÍTULO XIV - A CALUNGA	67
CAPÍTULO XV - O DRAGÃO	70

PRÓLOGO

Em uma época antiga, dentro dos confins católicos, a sombra da magia negra existia. Não eram magos e nem feiticeiros que a praticavam, eram os padres da alta corte religiosa. Era sob o manto da escuridão da noite e do ocultismo que invocávamos as forças mais diabólicas dentro de sepulcros e subterrâneos das catedrais romanas. As imagens crísticas eram invertidas e o sangue de animais e humanos eram vertidos, banhando nossas cruzes e nossas cabeças ungidas pelo óleo sacrossanto de Cristo...

Entre orgias e rituais, o culto aos seres do mundo obscuro era realizado apenas entre alguns Sacerdotes da época. Caso alguém tentasse revelar algum de nossos segredos, este era condenado por falso testemunho contra a Santa Igreja e submetido a uma morte horrível, com imensa tortura e com a língua perfurada várias vezes, sendo devorado no final por uma besta sedenta por sangue...

Hoje eu sou Exu Belzebu, coroado na Nganga e consagrado pelo grande Dragão Egípcio, ao qual sou proibido revelar-lhe o nome. Detenho poder sobre muitos espíritos de diversas falanges. Sou cultuado em terras diversas, sob diferentes nomes, mas com uma única finalidade: a manifestação do poder da Magia Negra. Venho-lhes contar um pouco da minha história: o que aprendi, onde errei e onde acertei.

Tenho a certeza que muitos irão se identificar com a minha maneira de olhar o mundo e irão se encontrar com a minha forma de ser. Eu não sou a luz, eu sou as trevas que habitam "dentro ou abaixo" dela...



CAPITULO I

Desejos

No ano de 1412, Roma, em uma imensa catedral, todos se reúnem para as missas no domingo de manhã, algo comum até então. Eu era um dos Sacerdotes por trás daquele templo, ao qual ministrava orações e os deveres de todos os fiéis para com a Igreja. Minha vida não tinha tanta graça e eu sentia que algo a mais faltava, embora nessa época eu já não fosse o Santo que apregoava ser, nos meus 36 anos de idade. Um homem branco e alto, esbelto, com olhos claros e cabelos loiros. Atraia a atenção de muitas mulheres que eu sabia que frequentavam a Igreja apenas para me observarem. Eu via seus olhares maliciosos, o modo de se vestirem e se aproximarem eram especificamente para me tentar. Eu por longo tempo consegui resistir, até que encontrei algo que me satisfez, pelo menos por certo tempo...

Nas entranhas das grandes catedrais onde nenhum desavisado entraria se ouvia suspiros e grunhidos sensuais. Eu sempre ouvia, mas na mesma hora me benzia e repreendia o demônio, pois acreditava que ele me tentava através desses sons pervertidos. Até que um amigo, Bispo da Igreja, resolveu me mostrar de onde vinham aqueles sons inusitados, me convidando na calada da noite para entrar em um lugar subterrâneo onde era extremamente proibida a entrada, pois neste local permaneciam guardados alguns tesouros e relíquias da Igreja, muito antigos, o que era restrito a quase todos os Sacerdotes e, quando permitida, a entrada era sempre muito bem supervisionada por Sacerdotes acima de nós, o que não dava espaço para uma investigação e sim apenas o tempo de rezar um "Pai Nosso" enquanto observava o brilho do ouro iluminado pelas chamas das velas. Fora isso, as entradas eram totalmente sigilosas, restritas e havia guardas que permaneciam dia e noite guardando aqueles mistérios. A Catedral era muito grande e sob o escuro era facilmente possível se perder naqueles subterrâneos. Quem conhecia

aquele lugar profundamente sabia muito bem aonde chegar, o que não era meu caso. Guiado então pelo Bispo, passei por umas três ou quatro portas de ferro que foram destrancadas e trancadas no mesmo instante pelo Bispo que me guiava. Percorremos entre os corredores e labirintos que a Santa Igreja mantinha debaixo de seu solo vermelho, até que chegamos a uma grande sala escura sob luzes de tochas com imagens pagãs sob as paredes e quadros sensuais. Então, me deparei com a cena de uns seis ou oito Padres, entre eles jovens, homens de meia idade e dois homens um pouco mais velhos, que mantinham relações sexuais com umas 15 ou mais pessoas entre elas homens e mulheres. Todos eles se encontravam nus e se entregavam ao prazer. Disse-me o Bispo que aquelas pessoas se tratavam de pagãos que não falavam nem o idioma local e que se converteram a Igreja recentemente, sendo induzidos ao prazer destes Sacerdotes para que não morressem de fome e nem fossem mortos como normalmente acontecia com os povos de onde eles vinham. Assim sendo, eram bem tratados desde que servissem aos caprichos daqueles Sacerdotes...

Ao me deparar com a cena eu de prontidão me benzi, mas algo ali me chamava muito a atenção. Ver aquilo tudo contradizia com tudo o que eu trazia no meu exterior emblemático como religioso cristão. Embora meus lábios pedissem a misericórdia divina, aquela cena se encaixava perfeitamente em meus desejos, principalmente com pensamentos que inúmeras vezes eu tive nos últimos tempos...

Passei alguns minutos observando aquilo tudo, até que uma moça e um rapaz jovem, os dois muito bonitos - a moça com cabelos negros até a cintura e com seios fartos, branca e corpo escultural; já o rapaz com um grande porte físico, comum aos pagãos, branco e com a cabeça raspada, com seu membro sexual um tanto avantajado e ereto - se aproximam e me tocam. Nesse momento eu fechei meus olhos e pensei se estava a fazer a coisa certa, mas ao mesmo tempo pensava que se caso eu tentasse fugir, no outro dia eu seria excomungado e, sem dúvida, condenado a morte. Esses dois jovens riram da cena. A moça solta uma gargalhada espontânea e se abaixa levantando minhas vestes e começa a me estimular fazendo sexo oral em mim. Já o rapaz me faz tocar em seu membro e estimulá-lo. Nesse momento ouvi a voz do Bispo Magnos dizer:

— Vejo que dessa vez não vou precisar ensinar você a rezar a missa, não é

Padre Alexandre? E soltou uma gargalhada gutural e forte...

Eu apenas dei um sorriso um tanto meio sem jeito...

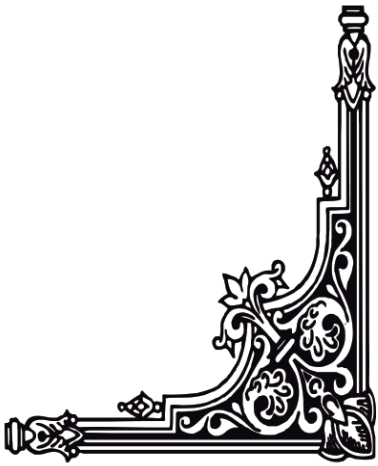
A partir daquele momento eu comecei a ficar muito excitado e acabei me entregando. Deixei-me levar e seguir meus instintos e pensamentos íntimos que durante tanto tempo foram reprimidos. Havia muito vinho ao qual bebíamos e o prazer que eu sentia era divino. Eu ainda tentava entender cada estímulo que recebia, era tudo muito novo, mas ao mesmo tempo muito natural para mim. Os pagãos gemiam e as mulheres gritavam os nomes dos deuses ligados a fertilidade na hora de seus orgasmos, como se agradecessem por aquele momento. Até que um Padre que se chamava José se manifestou com algo sobrenatural. Ele olhava a todos com um olhar muito inquisidor e falava em outro idioma, se assemelhando muito ao espanhol. Ele foi cumprimentado por todos os Padres e pagãos com muita honra e estima por recebê-lo. Recebeu vinho e uma das moças mais lindas que vi ali abriu as pernas em cima da boca do Padre manifestado com aquele espírito para que ele através do sexo oral a enchesse de vitalidade e amor. E assim se deu a noite, todos se divertiram e louvaram outras divindades. Eu não bebi muito por cautela e findei a noite com três orgasmos. Permaneci aguardando os outros acabarem o que restavam fazer e antes que o dia amanhecesse todos os padres se recolheram para os seus aposentos. Os pagãos eram mantidos em um lugar separado como escravos sexuais, embora estes não fossem torturados e nem acorrentados, eles eram mantidos prisioneiros para que não houvesse problemas para a nossa Catedral. O Bispo Magnos, ao me guiar sobre os corredores antes que o dia clareasse, modifica a voz para uma voz diabólica e tenebrosa e começa a dizer em latim:

— Nós temos muitos planos para você Alexandre, você se saiu muito bem em seu primeiro encontro com o desejo proibido. Vejo que agora sim encontrou seu caminho e que não vai ter dificuldades para encontrar as portas que horas antes você adentrou nestes corredores. Mas existe uma senha para entrar. Ao chegar ao subterrâneo, diante da segunda porta a esquerda grite Bafomerius três vezes e nós iremos lhe dar a passagem. Você tem a opção de vir ou não. Nossos encontros sempre se dão sob o quinto dia da Lua Cheia. Eu lhe espero...

Eu permaneci em silêncio, mas meus pensamentos concordavam com tudo que

ele disse. Realmente eu nunca mais esqueceria o que presenciei e nem os corredores que me levaram àquilo, mas não tinha certeza de voltar. Como ele me deu a opção, tive grande medo de alguém descobrir, pois caso acontecesse seria o meu fim.

Percebi que o Bispo Magnos voltara ao estado consciente um pouco zonzo, mas foi algo passageiro. Ele era um homem frio, que sabia o que fazia. Minha maneira de vê-lo mudou totalmente daquele dia em diante. Eu entrei em muitos choques de realidade, mas uma coisa era certa: Deus estava bem longe daquele lugar e os Demônios que ali habitavam trajados de Sacerdotes se transformavam em ovelhas na frente do mundo mas por trás eram Lobos, famintos por prazer e poder sobre todos. Agora eu estava entre eles e tinha que seguir as leis da alcatéia. Uma delas era que ali o Diabo é quem ditava as regras!



CAPITULO II

O Pacto

Ao voltar para meus aposentos eu não consegui dormir. O dia surgiu e eu ainda estava impressionado com tudo aquilo. Foi um choque de realidade. Pensava em como seria dali para frente, tudo havia mudado, nada mais era igual pra mim. Enfim, procurei não pensar muito naquilo. Levantei-me, tomei um banho e voltei para meus estudos cristãos como de costume. Os dias foram passando, e eu fui entrando em uma profunda reflexão ao ver que inúmeras pessoas se confessavam para aqueles Padres e mal sabiam o que eles faziam em baixo daqueles solos, apesar de que nem os Padres e nem os fiéis se diferenciavam muito em seus pecados. Todos tinham desejos sexuais e os praticavam de uma maneira ou outra. Alguns com mais resistência, outros com pura leviandade e alguns com forte intenção. No final, todos escondiam seus "pecados" da sociedade. Embora esses fiéis confessassem seus pecados, não demoravam muitos dias para que eles voltassem com os mesmos erros. Entre ladainhas e submissão ao poder Papal tudo era resolvido e, claro, com muito dinheiro por trás, afinal morar no Céu sempre foi caro...

A diferença entre estes e os Padres pervertidos era que os Padres não temiam nenhuma divindade, mas ao contrário, preferiram escolher as que os abençoassem ao invés daquela que os condenassem. Já os fiéis haviam feito a escolha errada. No fim de tudo, todo mundo só queria uma permissão para fazer o que bem desejasse. Alguns usariam o confessionário para expor sua falta de controle instintivo e pôr a culpa em Satanás para na semana seguinte comungar com ele novamente. Já aqueles que vestiam o manto sagrado perfumado pelo cheiro do enxofre pecaminoso, usavam o confessionário para exercerem seu poder e hipocrisia sobre os homens. Nada tão diferente como nos dias de hoje, se olhado de ângulos diferentes...

Meus pensamentos eram muitos, mas chegou um momento em que preferi

não pensar mais sobre isso e seguir como todos ali seguiam a vida. A Lua Cheia se aproximava e dentro do meu quarto eu havia decidido não participar outra vez, embora eu sentisse meu corpo se arrepiar e a vontade de correr para aquele quarto e me entregar dez vezes mais que da outra vez fosse inegável. A Lua Cheia parece que aumentava muito a minha libido, fazendo eu me masturbar mais de cinco vezes ao dia, lembrando de toda aquela cena que me excitava muito, mas mesmo assim havia decidido não participar. Até que no quarto dia, ao deitar na cama após um banho na banheira e claro mais uma masturbação quando estava quase a pegar no sono, ouvi uma voz dizendo em Latim:

— Acorde...

Era uma voz um pouco longe, parecia um sussurro, mas bem audível. Eu abri os olhos, mas como não ouvi nada fechei novamente e quando voltava a adormecer, ouvi novamente só que dessa vez se tratava de uma voz tenebrosa, grave e um tanto diabólica:

— Acorde Alexandre!

Eu acordei assustado e me benzi rapidamente com medo e pedindo misericórdia por meus pecados...

O Ser gargalhou e disse:

— Preste bem atenção no que vou lhe dizer: vá ao encontro dos Padres amanhã. O espírito que falou com você através do Bispo Magnos não lhe deu opção alguma, ele lhe fez um teste, se você não comparecer é porque você falhou e deverá ser excomungado da Igreja sendo morto logo em seguida. Vá e desfrute do prazer. Não recuse o convite, pois aqueles que negam o convite dos deuses é porque não foram dignos de sua presença. Bons sonhos, Alexandre...

Eu ainda apavorado com aquela presença que me impunha um magnetismo de tal forma, que eu me sentia mal ao pensar em rezar, pois parecia que caso o fizesse iria ofendê-la. Mudei então todos os planos de não ir para o encontro e decidi ir. Percorri os corredores sozinho como se alguém me guiasse e eu pressentia de antemão onde ir e onde virar para chegar ao lugar certo. Ao chegar diante da porta indicada pelo espírito que me deu as orientações através do Bispo eu gritei:

— Bafomerius, bafomerius, bafomerius!

Um Padre veio por trás de mim e, segurando um punhal em suas mãos, or-

denou que eu colocasse uma venda sobre meus olhos sob ameaça de morte. Os corredores estavam escuros e poucas tochas havia acesas com grande distância uma das outras, o que dificultava o objetivo de qualquer um que estivesse por ali sem um propósito como este. O Padre então abriu a porta e eu ouvi várias pessoas dizerem:

— Ele chegou.

— Ele agora será um de nós.

Entre risadas e gargalhadas, sentia o forte cheiro de vinho que havia no local e o som dos que ali estavam ao se embebedarem dele, até que ouvi o Bispo Magnos dizer a todos:

— O grande Deus o trouxe aqui, como trouxe todos os outros. Os Deuses de fato lhe escolheram e aquele que lhe acolhe hoje e para sempre é Baalzebu, o Pai da Magia Negra. Você e o escolhido dele! Tirem-lhe a venda e deixem que ele conheça o seu Pai!

Minha venda foi retirada, não havia nenhuma luz se não duas velas acesas ao lado da porta que estava há uns 10 metros atrás de mim. Observei que todos estavam ajoelhados diante de mim e notei que Magnos estava em destaque sentado em uma cadeira grande que tinha semelhança a um trono, embora não fosse um e eu percebi que uma fumaça muito negra começava a envolver totalmente o corpo de Magnos e entre dois a três minutos eu comecei a ver que ele se transformava em uma grande besta com chifres e olhos negros profundos. Nesse momento, todos se encurvaram mais ainda e diziam palavras de respeito para aquele ser que se fazia presente mostrando seu grande poder. Logo trouxeram um cordeiro todo branco e um Padre o perfurou o pescoço ao qual jorrou muito sangue em cima de um cálice grande de ouro. Magnos havia se transformado totalmente em um ser diabólico, não restavam dúvidas que ali era o próprio Diabo. Quanto mais o cálice enchia, mais nítida ficava a aparência monstruosa daquele ser. Eu, atemorizado, mas firme no meu propósito, observava com muito medo, mas em silêncio, pois, só o fato daquele Ser estar ali não haviam palavras a serem ditas, apenas o batimento cardíaco muito forte que parecia querer sair pela boca. Foi quando ele disse em latim olhando fixamente para mim:

— Você é o escolhido! Magnos está velho e terá que abandonar esse mundo

em breve. Você deverá continuar os ritos sagrados dos Deuses antigos e deverá continuar louvando a existência deles por todo sempre. A Mãe acolhe a todos os deuses e não deixa nenhum se perder no tempo, ela os toma das mãos profanas e os guarda em seus seios maternos para aqueles que realmente mereçam seus mistérios. Nenhum segredo foi queimado, nenhum mistério foi perdido no tempo, eles foram apenas muito bem guardados pelos Sacerdotes das Sombras e agora você está sendo intimado a se tornar um! Você aceita servir e honrar a todos os deuses e demônios por toda eternidade?

E eu lhe respondi, em latim também:

— O que eu ganharia com isso?

Ele deu uma gargalhada e as fumaças negras formaram uma asa de morcego negra e eu vi que Magnos ficou suspenso no ar através do fenômeno de levitação. Ele me apontou o dedo e disse:

— Você fala a língua dos antigos! Eu lhe darei o poder de se tornar um grande Demônio. Você será um ser muito poderoso e todos os filhos das trevas irão reconhecer seus poderes e se prostrarão diante de ti! Você terá as bênçãos e os poderes de Baalzebu e este será seu nome por toda a eternidade.

Neste momento, eu olhei profundamente a ele e disse:

— Eu aceito o Pacto!

Eu sabia que aquele ser não me deixaria sair vivo dali se eu não aceitasse aquela proposta. Eu mesmo não recusaria porque, embora muito assustado com aquilo tudo, o poder que aquele ser tinha me impressionava muito, era algo que nunca havia visto antes. Senti-me protegido, forte e exaltado sendo escolhido como sucessor de Magnos entre aqueles outros padres. Após minha resposta, ele voltou a se sentar e ordenou que eu bebesse um pouco do sangue do cordeiro que foi derramado no cálice e que também compartilhasse com todos ali como testemunhas daquele grande ritual de consagração... Em seguida a fumaça negra se esvaiu e Magnos retomou a forma humana, então ouvi rezas e um "Pai Nosso" diabólico sendo recitado por todos os Padres que estavam no ambiente, como se agradecessem pela presença daquele grande Deus... Então abriram as portas e eu vi homens árabes e mulheres que dançavam de forma diferente das comuns da cidade. Eram novos escravos para a satisfação dos prazeres carnais dos padres. Entre danças e

orgias, eu me sentei ao lado de Magnos e disse:

— O que foi isso tudo? Todo esse poder? Quem são estes demônios que falam e aparecem para nós?

Magnos observando toda aquela comemoração que se fazia no subterrâneo profundo da catedral, o que impossibilitava qualquer tipo de ruído, disse calmamente com sua maneira calculista de ser:

— Esses que falam e aparecem, são os antigos deuses, donos dessas terras e povos, que nos confiaram o poder e seus cultos para serem preservados dos olhos profanos. Estes seres estão à vista de todos, porém muito bem escondidos, ninguém os vê, mas eles estão ali, observando e zelando por aquilo que é de seu domínio. Eles são os donos da magia e feitiçaria no mundo, aqueles que a conhecem sabem que elas provêm deles e sabem que devem cultuá-los se desejam ter poder, domínio e riquezas.

Então eu lhe perguntei:

— E como é que é esse culto? Agora pelo que me parece eu também sou um de vocês e terei que adorar Eles assim como todos aqui!

Magnos respondeu:

— Você não é apenas mais um de nós, agora você também é um deles, assim como eu sou. O poder que eu tenho para influenciar pessoas, me transformar em seres de outro mundo, o poder que eu tenho para conversar com os deuses e obter deles o que eu quiser esse poder agora também pertence a você, e você irá aprender a dominá-lo. Os deuses ainda me deram alguns anos de vida meu amigo e é o tempo que eu irei usar para lhe ensinar muitas coisas e fazer você se tornar o Bispo em meu lugar...

Nesse momento Magnos se levantou e foi se divertir com dois homens árabes ao qual ele se deitou entre eles e deixou-se ser dominado. Quanto a mim eu ainda estava muito perplexo sobre tudo aquilo que tinha acontecido e foi quando uma mulher muito atraente, com uma dança muito sensual se aproximou de mim. Ela me lançava véus verdes sobre o corpo. Aquilo tudo era uma festa em louvor a Baalzebu e eu entendi neste momento que aquele povo era em memória ao passado onde esse Deus foi adorado. Eu tirei minhas vestes e fui me divertir com ela. Ela não havia sido tomada por ninguém naquela noite ainda, então eu seria o

seu primeiro. Nesse dia havia o dobro de escravos do que da última vez, embora a mesma quantidade de Padres. Eu me deitei com ela e suei meu corpo junto ao dela entre gemidos e suspiros. Após isso, eu saí de dentro dela e um árabe muito bem avantajado a penetrou, fazendo-a suspirar alto com um gemido forte de prazer. Eu continuei observando e sentia muito a intensidade daquele momento e o quanto aquilo me fazia sentir satisfeito. Dessa vez nenhum pensamento cristão entrou em minha mente. De fato eu sabia o que tinha me tornado e agora meus instintos não precisavam ser rechaçados. Eu era o que eu era e nada mais podia me punir, afinal Demônios não se queimam no inferno, quem se queima são os fiéis que não foram para o céu mas que pediam toda semana seus míseros pedidos de perdão...

O poder emanava de mim e toda Lua Cheia eram novas orgias e mais rituais de feitiçaria. Os anos passaram e aprendia adorar muitos deuses e a conversar com eles. Deitei-me com muitas mulheres e homens também, comecei a entender que os rituais macabros e orgias alegravam muito aos deuses e que quanto mais rituais eram feitos mais o poder aquisitivo crescia em nossa catedral, até que Magnos veio a morrer e eu me tornei enfim o Bispo daquele imenso templo. Agora eu era o Sacerdote acima de todos os padres e teria acesso a todos os grimórios que Magnos estudou sobre magia. O que ele me passou foi por via oral e apenas alguns pergaminhos com conjuros, mas agora eu teria acesso ao conhecimento profundo de toda aquela magia que eu presenciara. Muitas coisas iriam mudar em minha vida dali pra frente e mais poder eu iria alcançar. O ano era 1423 e Bispo Alexandre se tornava o Senhor da Alta Magia Negra de Roma...

CAPITULO III

Grimórios & Magias Antigas

Após a morte de Magnos eu recebi meu novo cargo eclesiástico, tendo assim a incumbência de coordenar e dirigir a Igreja da qual eu agora me tornara uma autoridade renomada. Logo nos meus primeiros dias como Bispo eu fui procurar os grimórios que Magnos consultava, ele mesmo havia os mencionados para mim, mas nunca me mostrou nenhum deles. Eu procurei por todo aquele aposento. As coisas dele ainda estavam lá e isso se deu por quase duas semanas até que entendi que ali seria um lugar muito comprometedor para se encontrar algo do tipo, afinal caso alguém fizesse alguma denúncia, o primeiro lugar que iriam procurar seria ali. Magnos era um homem sábio e perspicaz. Decidi, então, procurar no subterrâneo e como agora eu poderia adentrar qualquer sala sem impedimentos, eu decidi investigá-las. Enquanto eu descia as escadas invoquei a divindade Baalzebu e em poucos minutos ouvi uma voz dizer:

— O que queres Alexandre?

E eu lhe respondi:

— Procuro os grimórios que Magnos escondeu...

E Baalzebu respondeu:

— Os grimórios você deve encontrar por si só. Os deuses não revelam seus segredos, os homens que devem desvendá-los. Lembre-se que abaixo dos santos moram os piores demônios...

Decidi então procurar na sala das relíquias antigas e ao adentrar não demorou muito para que eu encontrasse dois livros dentro de uma caixa de madeira muito

bem trabalhada que se encontrava em baixo da imagem de Virgem Maria que estava em pé sobre ela. Essa caixa parecia não ser mexida há anos. Havia dois grimórios: um se chamava o Grimório dos Mortos e o outro se chamava o Grimório das Virgens. Ao encontrar esses dois livros escritos em latim fiquei muito contente e curioso para lê-los. Agora, precisava de um local seguro para estudá-los. Eu sabia que existiam outros livros, mas preferi ler estes primeiros e depois encontrar os demais...

Comecei lendo o Grimório dos Mortos. Neste Grimório se explicava os poderes da necromancia, como dominá-los e praticá-los. O livro falava sobre a junção de certos ossos que formavam certo tipo de oráculo para se comunicar com os espíritos, mas o sangue para consagrar este oráculo deveria ser da garganta de um ancião, pois este representaria a voz de todos os espíritos sábios e antigos que poderiam orientar os caminhos dos homens na terra. Também falava de muitos rituais com ossos de animais e humanos, ensinando também algumas práticas canibais com corpos mortos. A magia era nítida em cada página. Também ensinava o uso de algumas ervas e amuletos que tinham o objetivo de escravizar os espíritos, fazendo eles se submeterem ao comando dos vivos. Aprendi muitos conjuros que invocavam tanto espíritos de antigos reis como de antigos feiticeiros que mostravam suas vidas, conhecimentos e poderes. Um símbolo que havia no grimório era o desenho das fases da lua em círculo. Este símbolo representava o ciclo da vida e o significado que todos os ancestrais um dia voltariam para a terra em outros corpos.

Uma magia negra que aprendi e pratiquei muito bem com esse livro foi a de causar perturbações de assombrações e de causar uma doença fatal, a lepra! O feitiço consistia em trazer um espírito com tal doença em seu corpo espiritual e fazer com que ele ficasse grudado à vítima, fazendo assim com que ela ficasse adoentada tanto quanto ele. Consegui mandar lepras para inimigos dentro da Igreja que tentavam ofuscar meu brilho perante o poder Papal. Entre esses feitiços e outros, deixemos para relatá-los minuciosamente em outra hora. O Grimório dos Mortos era rico em informações. Através dele pude desenvolver muito bem minhas capacidades mediúnicas e de feitiçaria. As coisas aconteciam muito rápidas e faziam eu me sentir um deus. O poder ali contido realmente me fascinava, porém o Grimório dos Mortos exigia demais de mim. Era um ótimo Grimório, mas eu

ainda precisava encontrar os outros e aprofundar meus conhecimentos...

A consagração de um talismã consistia em torrar a canela esquerda de um defunto, misturar com favos de mel de abelha e colocar um anel de ouro dentro e ferver tudo. Após isso, o anel de ouro era encantado com o poder dos mortos e podia, além de proteger o seu possuidor, atacar pessoas que agissem com leviandade para com ele. A magia consistia em fazer com que um enxame de abelhas astrais protegesse aquele que usava o anel, atacando instintivamente todos que tentavam feri-lo, fossem fisicamente ou mentalmente. Aqueles que apareciam com o corpo semelhante ao estado de quem foi diversas vezes ferroado indicava que procuravam me causar algum mal e isso me servia como um grande sinal para me defender. Havia alguns conjuros para que este talismã fosse consagrado e funcionasse de fato e eu vi outros padres tentarem realizá-lo e ficarem nesse estado, como se tivessem sidos ferroados por várias abelhas. A falta de conhecimento deles os deixava nesta situação, sem controle sobre o que faziam. Magnos não ensinara tudo com detalhes e essa era a diferença entre ter os Grimórios e não possuí-los... O segundo que estudei foi o Grimório das virgens. O livro dizia que as virgens possuíam um vínculo sagrado entre a terra e o mundo dos deuses. Todos nasciam virgens porque ainda possuíam sua ligação com o mundo espiritual e quando essa ligação era quebrada se perdia o contato com os deuses supremos. Dentro da Magia Negra as virgens possuem grande importância. Segundo este grimório, assim como elas podiam acessar partes mais altas do mundo espiritual, elas também podiam acessar partes mais baixas dele, através do sangue da primeira relação sexual de três virgens era possível se fazer o contato e um pacto como Deus Hórus, então assim eu fiz. Interessado no grande poder de Hórus que Magnos inúmeras vezes havia me relatado, selecionei três moças virgens e as violentei. No grimório dizia que o ritual deveria ser preparado sem que elas tivessem ciência nenhuma sobre ele e o que aconteceria, Hórus só iria comparecer se fosse algo desta forma, com total inocência da parte delas. Então atraí as três moças ao subterrâneo da catedral. Elas eram freiras. Cometi o ato sexual mediante a espada dos soldados que a tudo assistiam. Elas foram exploradas sexualmente e eu vi o sangue de cada uma escorrer pela mesa de pedra ao qual eu me deitara com elas. A terceira jovem era a mais nova, tinha seus 14 anos e assim se sucedeu, fiz o que

devia ser feito e invoquei o conjuro sobre a pedra. No que aquelas moças em silêncio e muito amedrontadas viram quando um pássaro negro se formou sobre a pedra. Ele carregava um cetro na mão e em um idioma que se assemelhava ao dos povos alemães eu entendi que ele me concedia um desejo, então lhe pedi que meus poderes fossem perpetuados e que do outro lado eu encontrasse proteção contra meus inimigos. Hórus me olhou no fundo de minha alma e com o grito de um pássaro ele sugou o fôlego de vida das três moças. Elas então desfaleceram totalmente e em instantes não havia mais vida em seus corpos. Alguns fios de cabelo da mais velha, que tinha seus 20 anos, ficaram esbranquiçados, perdendo toda sua vitalidade. Hórus aceitava meu pedido e levava suas virgens para seu mundo. Esse grimório não estava totalmente em latim, mas havia coisas em outros idiomas antigos e através de Baalzebu consegui traduzir muitas páginas. Grande parte de sua magia se consistia em invocar forças egípcias para atender nossos caprichos. Havia um feitiço em que uma Naja venenosa era colocada sobre o chão e ateando-se fogo sobre ela pelas mãos de uma virgem, entre conjuros e invocações, a serpente se transformava em uma serpente de fogo imensa e dançava conosco, obedecendo aos meus comandos. Algo semelhante, porém em menor proporção ao que Moisés manipulava no deserto com o redemoinho de fogo para aquecer os israelitas. Essa magia era demasiada antiga. Era possível tornar um lugar amaldiçoado com a saliva de sete virgens gritando sete pragas cuspindo sobre a areia de um deserto dentro de um vaso de barro, entre conjuros e o sangue de sete répteis isso se tornava possível. Onde a areia fosse soprada, o caos iria reinar e fazer com que tudo que ali entrasse falecer em poucos dias. Somente um Mago com grande capacidade mental poderia manipular e destrancar os portais que ali eram abertos. Eram magias demasiadamente tenebrosas e com um efeito terrível para um simples aventureiro. Eu não manipulei todas, mas Magnos muito se utilizou delas e contou em relatos de observação neste livro que realmente aconteciam as coisas que nele estavam descritas e ele presenciou a morte de muitos que não a souberam praticar. Ele se resguardava em praticar o Grimório das Virgens, pois muitas magias que ali havia, com um pequeno descuido, poderiam levar facilmente o mago para a desencarne. Continuei minha busca por conhecimento sem praticar todas aquelas magias mas com a certeza que seu resultado era certo e nefasto...

Isso tudo se dava dentro dos subterrâneos da Santa Igreja. Aos dias eram entoados cantos sacros para o Deus cristão e rezas para o amor Crístico e nas sombras das noites eram entoados os cânticos sexuais das moças nuas e as orações dos padres sedentos por prazer e poder. Eu observava tudo aquilo e manifestava meus poderes juntamente.

Através de Baalzebu eu conseguia ter relações sexuais no alto do teto sob levitação. Os outros padres admiravam meu poder e sabiam que ali se encontrava uma divindade e não o Bispo Alexandre. Era algo mágico. Viver tudo aquilo era algo fascinante. Os mistérios da magia negra antiga eram todos revelados e mostrados diante de todos aqueles que assistiam. Era o poder que eu sempre quis. O Grimório dos Mortos me deu a possibilidade de alcançar estes poderes como o de levitação. Era um ótimo grimório e eu me aprofundei muito em sua magia. Fiz sacrifícios humanos para alcançar pactos com seres do submundo. Hades era citado neste Grimório e ensinava que os poderes da magia poderiam ser desenvolvidos por todos aqueles que cultuassem os mortos, pois nos mortos se encontrava o poder sobre a natureza das coisas. Hades, segundo o Grimório dos Mortos, era um senhor velho que se transfigurava em ser bestial e possuía muitas mulheres ao seu dispor, todas elas deviam trajar o preto e invocar o nome dele para que ele se fizesse presente. O sangue de urubu era o sacrifício perfeito a este Deus que representava as forças ocultas do submundo. O urubu era consagrado a Hades representando que a morte sabe esperar a cada um com paciência para depois devorá-lo por inteiro. Quando se via um urubu rodeando algum lugar, era sempre o aviso de Hades de que a morte um dia irá chegar e que está sempre por perto, paciente e solene como um pássaro que vive a rodear a todos...

Isso foi um pouco do que aprendi com esses dois grimórios. Em outro momento eu irei entrar em detalhes mais profundos sobre o que encontrei e como eram feitos os rituais destes livros. Esse conhecimento não se encontra mais hoje sobre a terra, mas algumas coisas ainda se é possível praticar. Espero escrever uma obra dedicada somente a isso em outro momento...

CAPITULO IV

A Inquisição

Naquela época era muito comum queimar mulheres por conta da Bruxaria. Eu como Bispo organizei muitas queimadas e caça as Bruxas. Todas muitas das vezes, não passavam de camponesas médiuns ou de simples herbalistas, que por serem videntes e ouvirem os espíritos das florestas, acabavam conhecendo algumas ervas capazes de encantar e curar algumas pessoas. Até o dia que de fato conheci uma Bruxa... Era um dia frio, havia muita neve e era uma sexta-feira. No entardecer houve um burburinho na cidade. Muitos corriam para suas casas e mães pegavam suas crianças e levavam para dentro. Um grupo de homens gritavam na cidade que uma mulher estava a fazer feitiçaria, magia negra e que dentro de uma certa caverna era o seu covil de encontro com Satanás. Eu pensei se tratar de mais uma maluquice daqueles homens e não dei muita importância, até que ouvi a voz de Baalzebu:

— Essa realmente é uma Bruxa - gargalhando com sua voz sombria.

Eu então fiquei interessado pelo caso e organizei uma caçada com aqueles homens contra aquela bruxa. Pegamos os cães e eu vesti minha batina e coloquei minha cruz consagrada a Satã e seguimos com um dos guardas nos guiando. Ao chegar na frente da caverna, eu disse algumas ladainhas e rezei algumas preces católicas pedindo proteção a todos ali e benzendo com água benta as espadas de cada um. Até que ao adentrar a caverna, se ouviu uma gargalhada fria e congelante que fez com que todos os homens ali se arrepiassem. Eu vi algo passar pela parede, como se a Bruxa que ali habitasse conseguisse observar a todos através da umidade daquela caverna. Os homens acenderam suas tochas e iniciaram a caçada e, ao decorrer da caminhada, decidimos nos separar e quando encontrássemos a mulher era só gritar. Alguns daqueles homens acreditavam que era só mais uma mulher que dizia ouvir almas e que após eles satisfazerem seus desejos carnais

com ela, longe de suas mulheres, ela seria mais uma condenada a fogueira. Ledo engano. Eu e mais três guardas caminhamos para um sentido e outros quatro para outro, conforme caminhávamos a fundo da caverna eu vi quando um vulto negro saiu de detrás de uma rocha e todos os homens gritaram:

— Ali está a Bruxa.

Ela parecia estar de costas e fitou os olhos em mim e disse:

— Como andam os estudos Alexandre Dalla Vecchia?

Eu me surpreendi, pois de fato a mulher era uma Bruxa, acertara meu nome familiar, algo que ninguém sabia e tinha acesso, somente sacerdotes muito acima de mim que jamais se misturariam entre camponeses ou aqueles soldados. Sendo assim, a informação era impossível de ser passada. No decorrer disto eu vi quando ela fulminou um dos soldados fazendo com que a tocha de certa forma o queimasse o corpo, como se houvesse um líquido inflamável pelo corpo dele que fazia com que as chamas se inflamassem mais do que o normal. Eu a olhei, a repreendi e lhe perguntei:

— O que queres ser demoníaco? Volte para o inferno em nome de *Patris et Filii et Spiritus Sancti*!

No que ela gargalhou, com uma risada que ecoou sobre toda a caverna e disse em latim:

— Não há pai e nenhum filho salvador para ti homem impuro e diabólico. Vens me condenar ao fogo cristão sendo tu o próprio diabo?

O único que entendia um pouco de latim entre aqueles homens ela fez questão de queimar. De certo ela queria alguma chance de sobrevivência das minhas mãos, mostrando que através disso ela não queria evidenciar minha identidade. Ela sabia que por eu estar ali ela não conseguiria deter aqueles homens, mas eu queria levá-la para que todos vissem uma bruxa de verdade morrer e não apenas uma médium. Eu queria um espetáculo, então conjurei algumas palavras em segredo e baixo sussurro e o vulto negro que a encobria se esvaiu mostrando sua verdadeira identidade. Os homens foram direto para cima dela e houve um que quis estuprá-la. Eu permiti para ver o que aconteceria. Só um tolo para fazer tal ato com uma bruxa. Quando ele a penetrou, eu desfiz o encantamento que anulava os poderes dela e ela de prontidão sugou seu fôlego vital por completo enquanto tinha um

orgasmo com ele. Ele perdia os sentidos e ela dava continuidade ao ato sexual, o que fazia com que os cabelos daquele homem se embranquecessem por completo até que seu corpo caiu sobre seu peito e ela gargalhou e disse:

— Alguém mais deseja ter um pouco de prazer? Se transfigurando em uma mulher nua e muito sensual.

Eu refiz o conjuro em secreto anulando sua magia e todos voltaram a ver a camponesa um pouco gorda e com traços bem achatados pelo rosto. Ordenei que a prendessem e a levamos dali.

Ao chegar ao centro da cidade, aqueles homens contavam tudo o que viram e presenciaram. A fogueira já estava armada, mas antes houve um pré-julgamento e eu a perguntei:

— Bruxa, você confessa todos os crimes de feitiçaria e magia negra que esses homens lhe acusam?

Ela permaneceu de cabeça baixa, tentava invocar os deuses e esperavam que eles a respondessem. Ela era uma bruxa de fato, porém não tinha o conhecimento necessário para dominar as forças da natureza. Ela sabia algumas invocações e entre essas invocações ela conjurava rezas da Santa Igreja. Aquele que a ensinou de certo fora algum padre antigo do baixo escalão da magia. Acredito que devem ter ensinado algum antepassado seu e que este passou o pouco conhecimento que tinha para frente, causando então essa mistura de crenças, embora com o pouco que ela sabia ela conseguia fazer muita coisa, mas não conseguia dominar os elementos como eu que os produzia. Ela conseguiu apenas fazer a tocha cair sobre o homem e queimá-lo com maior intensidade movimentando os fluidos de enxofre que coabitavam a atmosfera da caverna condensando-os em cima daquele homem em chamas. Neste momento em que ela invocava os deuses, eu percebi que alguns seres tentavam se aproximar dela, mas devido ao meu conjuro, eles não conseguiam ter acesso nem a aura daquela mulher. O meu conjuro causava um bloqueio tão imenso, fazendo com que ela perdesse de uma hora para outra toda sua capacidade mediúnica, tornando-a uma bruxa sem poder algum. Ela continuava de cabeça baixa, e então eu disse:

— Pelos poderes confiados a mim, Bispo Alexandre, sucessor do memorável Bispo Magnos, eu condeno essa mulher a fogueira da Santa Inquisição. Que o

fogo de Cristo purifique sua alma e que ele tenha misericórdia do teu espírito. Queimem-na! O demônio fez morada no seu corpo e a única maneira dele ser expulso é através do fogo do Todo-Poderoso e da Santa Igreja!

Ela levantou a cabeça e exclamou em alto e bom som para todos:

— Bispo Alexandre o senhor também é um bruxo, você não tem parte com seu Senhor e sim com as trevas e sombras deste mundo!

Eu dei-lhe um forte tabefe na face no que lhe escorreu sangue da boca causando um cuspido ao chão por parte dela e então eu disse:

— Para trás de mim Satanás, pai da mentira. A verdade prevalece sobre ti e o fogo do inferno lhe queimará por toda eternidade! Queimem esta mulher imediatamente. Ela está possuída por muitos demônios!

E então acenderam a fogueira e nesse instante eu desfiz o conjuro que bloqueavam seus poderes. Os deuses dela e espíritos da natureza tentavam apagar o fogo, mas só conseguiram causar uma leve garoa e eu exclamei:

— A bruxa foi queimada e Cristo nos envia as bênçãos do calvário santificadas em gotas benzidas pelo alto. Seu amor é para com todos aqueles que ouvem a Santa Igreja e seus Sacerdotes, exemplos vivos de Jesus na terra. Viva nosso Senhor e nosso Papa Nicolau V.

CAPITULO V

Poder & Reminiscência

Retornei para meus aposentos, o ano já se dava em 1447, um novo Papa tinha sido eleito. O antecessor a este, era conhecedor de magia também. Mantínhamos contatos breves e uma vez eu vi a manifestação de seu poder durante uma sessão negra em sua basílica. Vi quando ele, por um encantamento que até então eu desconhecia, fez surgir uma grande serpente com dentes afiados e olhos vermelhos acesos que descia até nós enrolada em um pilar imenso que sustentava aquele templo. Não se sabia de onde vinham as cobras que ele invocava, mas aquele homem tinha uma fascinação por elas. Para ter a manifestação daquela divindade, ele disse que leu o Grimório da Serpente, o qual me entregou um tempo antes de morrer sob efeito de um encantamento hipnótico que lhe causei. Este homem foi Papa Eugenio IV. Ele era muito ambicioso e cometia muitos crimes de pedofilia. Após eu tomar posse do Grimório das Serpentes eu o fiz morrer de uma dor tão dolorosa quanto à picada de várias cobras de uma vez. O velho não suportou e veio a óbito, se tornando um mago no astral que tentou me encontrar para se vingar, mas foi mandado para uma dimensão sombria e distante por Baalzebu e desde então nunca mais tive notícias dele...

Eu estava com meus setenta e um anos nessa época. Conseguia manipular todos os elementos e forças obscuras da natureza. Fui até meu antigo aposento. Ele estava muito modificado. As pinturas da parede e os retratos antigos não eram os mesmos. Havia ainda uma escrivaninha. Essa era a única coisa que permaneceu durante todos aqueles anos. Nenhum padre estava neste quarto e então eu resolvi dormir nele naquela noite e comecei a me relembrar de tudo aquilo que vivi durante todos aqueles anos, as orgias que aconteciam, as festas com outros padres, a maioria já haviam falecidos, restando apenas dois que ainda estavam vivos. Eu sabia que outros padres

daquela catedral continuavam a organizar suas orgias não com magia, mas sim com muito sexo e vinho. Eu não me importava, eles eram extremamente cuidadosos para que eu não soubesse, mas eu era o mago mais poderoso de Roma naquela época, seria impossível esconderem de mim essas coisas, justo eu que conversava com aquelas paredes há anos e sabia de tudo que ali se passava. Eles eram apenas rapazes jovens e tinham que aproveitar realmente a vida. Lembrei-me de tudo que aprendi na magia negra, de todos os grimórios que estudei, de tudo aquilo que me dediquei a aprender e dominar. Com o poder que detinha sobre tantos, não era difícil conseguir reunir todos os elementos que eu precisasse para praticar magia. Eu podia usar humanos, virgens, sexo com qualquer um, pedras valiosas e metais de grande valor, tudo que apraziam aqueles deuses. Eu me tornara um verdadeiro Deus, pois Baalzebu estava em mim e eu nele, éramos os dois um só. Desfiz muitas moléstias que amedrontava o povo e muita das vezes eram eles que causavam a si mesmos. Eu via que por não saberem manipularem o ódio contra seus desafetos acabavam criando seres horrendos a sua volta que, por não serem bem canalizados, devoravam eles e não aqueles inimigos. Então eu, através de algumas ladainhas cristãs e conjuros escondidos, desfazia aquelas doenças o que me dava autoridade ainda maior diante da sociedade. Isso se deu raras vezes, em que eu realmente achei necessário, pois eu tinha que mostrar alguns milagres para aquele povo. Quanto à magia negra, eu conversava com os mortos, escravizava os espíritos das florestas que eram os mais fáceis e aprendi a manipular a força do fogo, causando assim algumas explosões em certos lugares, matando assim alguns inimigos, inclusive fiz isso acontecer dentro de uma cerimônia de um padre que eu tinha um desafeto por ele ter uma luz diferente em volta dele embora mantivesse relações sexuais escondido com uma moça que encontrava em certas noites nos becos da cidade...

Eu havia vivido muito e sabia que meu tempo se esgotava. Era hora de encontrar alguém para repassar meu trabalho e dar continuidade ao culto dos deuses. Nesse momento, Baalzebu apareceu-me e disse:

— Alexandre, preste bem atenção: a Igreja daqui alguns anos irá passar por uma grande reforma e as estruturas da magia serão abaladas no mundo, por conta disto, você irá precisar partir deste mundo logo para poder se aperfeiçoar melhor deste lado, pois em breve muitas forças do mundo irão mudar, causando uma revolução

mundial! Os poderes das sombras terão que ser redigidos para seres do futuro, portanto o conhecimento que você adquiriu será muito bem utilizado para que a magia permaneça na terra daqui alguns séculos. Escolha um sucessor e demonstre seu poder através de um Pacto. Ensine ele o que é magia em nível básico e então você será recebido pelas forças das sombras deste lado e posteriormente, após absorver e aprofundar mais seus conhecimentos, serás coroado como um rei e poderoso mago negro neste mundo daqui.

Eu entendi que aquele aviso era o decreto de que eu deveria encontrar um sucessor para dar seguimento a jornada que lá no passado eu tinha iniciado, agora era a hora de partir.

Olhei entre os padres daquela diocese e escolhi três, encantei-lhes os ouvidos e os sonhos para que eles tivessem desejos carnais e sonhos intensos com orgias e ocultismo. Eles começaram ao ouvir sussurros e de um em um eu os conduzi ao subterrâneo na mesma forma como no passado eu fui induzido, descobrindo esse fato posteriormente pela própria boca de Magnos, sob a mesma Lua Cheia ao qual se tornava o momento ideal para que as Deusas Afrodite e Lilith manifestassem toda sua luxúria e poder mágico. Elas eram invocadas justamente nestas luas no passado representando a grande fertilidade da terra e do poder sexual. Fiz com que esses padres se entregassem ao prazer, mas entre eles um possuía certa capacidade para magia. Este era Timóteo e através de um Pacto ao qual eu me transformei em um ser bestial com olhos e corpo draconiano, ele se tornou meu sucessor, aceitando o Pacto de prontidão. A diferença entre mim e ele foi que ele queria realmente ser o escolhido, pois não sentia nenhuma imposição contrária a sua vontade e tudo aquilo o fascinava. Eu sabia que ele seria um bom bruxo, antes daquelas orgias ele já havia tido relações sexuais com outro padre que inclusive estava ali no meio daquele ritual sendo este chamado Pedro. Os dois se amavam, mas a magia negra deflagrou todo aquele sentimento, transformando-o em puramente ato sexual, desligando-os de qualquer emoção sentimental. Eu ensinei o que pude a Timóteo. A magia negra dentro destes rituais era muito forte. Entreguei a Timóteo sete Grimórios, o das Serpentes eu queimei, esse conhecimento eu não quis passá-lo à frente para que esses magos não usassem esse poder antigo, pois poderia acabar com eles e a missão ser falida. O Grimório da Serpente torna o ser humano um ser enganoso. Se eu passas-

se esse Grimório adiante, um poderia matar o outro dando caminho para a falsidade entrar por algum feitiço. Os que eu passei foram Grimórios que relatavam magias com os deuses mesopotâmicos, com os mortos, com a natureza, astros e o Grimório da Morte, o mais sombrio de todos, pois relatava as magias mais profundas com os dragões do outro lado e o modo de invocá-los, seres abismais, incompreendidos pelos seres humanos e presos em cavernas e nos subterrâneos de antigas civilizações. Na antiga Babilônia foram aprisionados dois destes dragões. Seu poder é tão nefasto que pode causar inúmeras guerras. Foi isso que eu deixei para este homem, esse poder ele usaria para continuar predominando o poder papal. O ano já se dava em 1452 e após mais uma noite de orgias e a presença de Baalzebu manipulando um fenômeno de levitação na frente de todos, ele fez com que todos saíssem de seus corpos como numa projeção astral e fossem até um Templo grande e muito formoso com bandeiras vermelhas que enfeitavam as colunas e o teto daquele grande lugar. Ele se sentou em um trono de ouro e prosseguiu dizendo:

— Meu reinado durou muito tempo nesta catedral. Agora chegou a hora de um novo ser caminhar durante mais um tempo com vocês em Roma a comando do grande Dragão. Eu tenho uma missão em outro solo e irei seguir para lá após alguns anos que Bispo Alexandre fizer a passagem para o nosso mundo, as forças das trevas vos saúdam e Baalzebu lhes abençoa.

Após isso acontecer, todos voltaram para seus corpos. Os guardas avisaram que o dia já estava próximo de amanhecer e decidimos encerrar por ali. Voltei para meu aposento, tomei um banho e deitei sobre a cama. Respirei fundo, fechei os meus olhos e como se passasse alguns minutos, acordei um tanto zonzo e ouvi a voz de Baalzebu dizer:

— Seja bem-vindo ao nosso mundo. Temos muito o que conversar senhor Dalla Vecchia!

Nesse instante eu me levantei da cama e vi meu corpo sobre ela que ainda permanecia deitado. Eu havia morrido e agora era hora de encarar todos aqueles que um dia eu fiz partirem desse mundo. Eu levantei da cama e Baalzebu abriu um portal de fogo para eu entrar e assim eu comecei minha jornada morrendo e nascendo novamente de mãos dadas com o próprio Diabo.

CAPITULO VI

Inferno ou Plano Sombrio?

Quando passei por aquele portal eu encontrei um grande castelo um pouco a frente. Não havia dia. Era como se fosse uma madrugada com muita chuva e trovões por aquele céu que tinha uma cor negra e roxa. Eu via demônios e bestas aladas que voavam sobre aquele castelo, e eu estava caminhando por uma ponte grande, medieval. Abaixo tinha um mar azul escuro e nele havia almas e bestas aquáticas que o habitavam. Não dava para ver muito bem. Baalzebu seguia a frente, flutuando sobre a ponte e eu atrás, seguindo-lhe rumo à entrada daquele grande castelo. Quando chegamos à grande porta de aço, havia duas najas desenhadas, uma em cada porta, elas acenderam como se tivessem pegado fogo e assim a porta se abriu. Havia um tapete vermelho e um cheiro forte de sangue exalava. Foi quando observei um Ser com uns 4 metros de altura sentado sobre um trono muito majestoso. Ele segurava um cetro egípcio em suas mãos e tinha um colar feito de cabeças humanas em decomposição. Ele era semelhante a um Lobisomem, com chifres e olhos negros profundos, é quase impossível descrever algo do tipo mas é o mais próximo que consigo me aproximar. O cheiro de sangue começou a me dar muitas náuseas e minha cabeça doía muito. Foi quando observei que Magnos estava sendo trazido acorrentado e gritando:

— Misericórdia grande Abamael. Tens piedade da minha alma, não me tortures mais!

Aquele Ser se levantou e questionou Baalzebu, ele não se dirigia a Magnos.

— Como este mísero mortal pronuncia o meu nome? Eu conhecido como Anúbis, senhor dos mortos, aquele que foi cultuado no grande e antigo Egito não irei tolerar isso!

E Magnos, como se não tivesse ouvido aquilo, prosseguiu apelando:

— Abamael, mestre Anúbis, perdoa a minha falta, tens misericórdia de mim. Eu sei que errei, mas perdoa a minha falta para contigo.

E aquele ser como se demasiado irritado, lançou um olhar fulminante sobre Magnos, desintegrando seu corpo astral de uma vez só, fazendo com que ele se tornasse um globo de fumaça negra, ao qual ele sugou para dentro de seu cetro Egípcio que tinha uma aura roxa com fumaças vermelhas e negras em volta. A entidade respirou fundo e, como se ao sentir o cheiro forte de sangue sentisse um êxtase, ela ficou alguns segundos ali inalando e exalando o ar do ambiente. Baalzebu, diante deste Ser, disse-lhe:

— Grande Anúbis, aqui lhe apresento meu servo, que me serviu durante muitos anos. Este espírito honrou nosso nome e nosso poder sobre a terra durante muitos anos de sua vida.

Eu me coloquei de joelhos e de cabeça baixa. Ele fez um sinal com o dedo indicador, me chamando para mais perto. Nesse momento eu senti meu corpo sair do chão e ir até ele como se ele usasse telecinésia no meu corpo astral. Então, quando cheguei diante dele, ele primeiramente chegou próximo da minha cabeça e inalou o meu cheiro, como se farejasse minha aura. Nesse momento ele deu uma grande gargalhada dizendo:

— Você foi fiel ao seu mestre pelo que vejo, não é maldito?

Eu respondi:

— Sim

Ele olhou a Baalzebu e disse:

— Leve este sujeito daqui, o coloque em um lugar agradável...

Fui levado para um quarto simples, havia uma cama e um grande espelho neste quarto. Eu me deitei e esperava o dia clarear para sair da cama, mas o dia nunca clareava, era sempre aquela chuva, às vezes garoa, às vezes forte, mas nunca parava. Eu chamei meu mestre, mas agora quem me atendeu foi outro ser, chamado Ananias. Ele era um servo de Baalzebu, pois Baalzebu se encontrava em um lugar distante naquele momento. Ananias entrou no recinto e eu lhe perguntei:

— O que houve com Magnos? Por que ele mereceu aquilo?

— Magnos foi um servo muito fiel nos últimos anos de sua vida, mas nem

sempre foi assim. Ele quase colocou todos os planos das sombras a perder por duas vezes, quase abriu a boca sobre o que os seres deste mundo pensavam sobre o Papa Eugenio IV, ele quase impediu uma guerra que aconteceria motivada pelo clero. Isso tudo mesmo ouvindo as vozes e vendo os espíritos lhe dizendo o contrário...

E então eu fiz-lhe um questionamento:

— Como assim espíritos? Os que apareciam para Magnos e para mim e determinavam ordens nunca foram espíritos e sim deuses e demônios antigos!

Ananias gargalhou e prosseguiu com os esclarecimentos:

— Fostes um homem muito sábio nas artes mágicas, mas de pouca compreensão do mundo espiritual Alexandre Dalla Vecchia, pois os deuses a quem tu evocava nada mais eram que espíritos de diferentes épocas e de diferentes conhecimentos e poderes.

— Então queres-me dizer que invoquei mortos e não deuses ou demônios? Desculpe, mas não creio nisto. Veja as formas destes seres. Eu sim sou um morto e tu sim és uma alma penada. Eles tenho certeza que não.

Foi quando ouvi a voz de Baalzebu entrar no recinto e dizer:

— Chegou a hora de ter alguns esclarecimentos sobre o plano astral Alexandre. O mundo que você vivia ainda não comporta esse tipo de esclarecimento, mas deste lado as coisas são bem diferentes. Todos aqui são espíritos e um dia já estiveram sobre a terra, sendo alguns deste mundo e outros não. O Ser que você viu quase agora sob a forma de um grande animal canino é um ser que não reencarna desde a época do Antigo Egito. Ele não pertence a este mundo! Assim eram os seres que você invocava. Embora sejam espíritos, isso não significa que sua mente e seu modo de pensar funcionem como o de um morto qualquer. Eles são seres antigos, que muitas vezes não vieram deste mundo e sim de outros mais antigos que este. São seres com alta capacidade mental, que estão por trás de grandes guerras e triunfos sombrios, mas não é porque levantam a bandeira das sombras que todos estão do mesmo lado. As guerras que vocês conhecem não provêm deste mundo e sim de antigos, elas apenas estão se perpetuando aqui. Estes seres digladiam-se uns contra os outros na busca do poder supremo e mundial desde os confins da existência. São forças além das compreensões humanas. Não

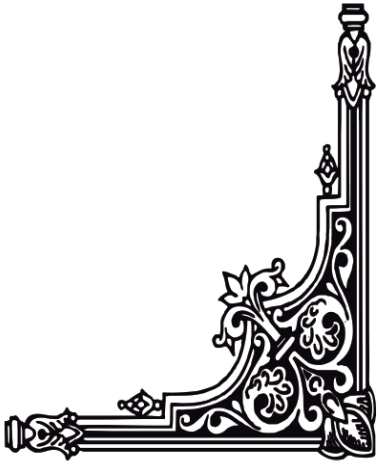
é o fato de ser um espírito que nos faz inferior, o que faz um ser inferior e sua falta de poder mental que só é desenvolvida com longas experiências sobre a terra e sobre o astral. Como explicar a inteligência? Alguns nascem com ela visivelmente enquanto outros ainda precisam de longos exercícios até que possam absorver certas disciplinas. Estes espíritos além de serem seres antigos a forma astral com que eles se revestem energeticamente fazem deles seres do alto escalão obscuro. Um espírito comum consegue mudar com alguns esforços mentais a plasticidade do seu corpo astral, mas o que estes seres fazem é algo totalmente diferente. Eles manipulam a forma plástica do corpo astral em uma vibração impossível para qualquer espírito comum. Eles conseguem fazer sua aura obscura envolver uma cidade e ser capaz de induzir ela a entrar em guerras. Eles conseguem canalizar um suicídio em massa de várias pessoas. Muitos destes seres se encontram acorrentados por magos antigos da luz para que haja paz sobre terra. Quando você viu Hórus, você conseguiu manipular este ser que se encontra trancafiado em uma tumba no Egito. O espírito não conseguia sair de lá devido ao selo vibratório que se encontrava naquele ambiente e você através do seu conjuro e sacrifício conseguiu invocar ele. Porém lembre-se que ele sugou a vitalidade de três jovens que acabavam de perder a virgindade violentamente. Este ser conseguia fazer isso facilmente no passado e foi por isso que magos antigos o selaram naquela tumba, mas sob o comando de magos negros, aquele selo não foi o suficiente. São muitas coisas novas para você, mas você irá se adaptar!

Eu refleti muito sobre tudo o que Baalzebu dizia e então eu lhe perguntei o nome de sua última encarnação e ele me contou que foi um Mago que viveu na suméria e se chamava Arhkovith, porém, eu deveria continuar lhe chamando de Baalzebu, pois esse foi o posto que ele alcançou dentro da magia atual do mundo. Eu resolvi perguntar-lhe sobre o que era esse lugar em que me encontrava. Senti-me aliviado por não encontrar fogo e enxofre, mas eu estava me sentindo muito fraco. Eu queria ver o dia, mas a hora não passava. Ele então me respondeu:

— Aqui é um plano das sombras! Estamos em baixo daquela Catedral que você viveu por muitos anos. Aqui nós estamos há muitos séculos, porém para você será provisório. Amanhã você pode ir acompanhar seu enterro e um pouco do que aqueles padres estão aprontando após sua morte. Eu estou me comuni-

cando com você aqui, neste quarto, de forma audível, mas me encontro em uma terra distante atualmente. Aqui estou acompanhando as magias que o povo daqui pratica para melhor lhe instruir quando você vier para cá. O inferno não existe, cada lugar tem sua vibração, umas mais densas outras mais superiores. Anúbis não consegue chegar à superfície, é muito alto para a vibração que ele está e poucos seriam os magos que conseguiriam abrir um portal para evocá-lo. Este espírito está há milênios manipulando a magia negra e as forças obscuras deste mundo. Já causou uma infestação gigantesca de doenças na África e no Oriente Médio. É um ser abismal e ainda está longe de se tornar um Dragão, pois quando um Ser desses se torna um dragão, seu corpo astral muda totalmente, se tornando mais obscuro, horrendo e mais poderoso. Aqui é outra realidade, ainda há muito para você conhecer! Você está fraco porque não se alimentou desde que faleceu. Procure uma feiticeira em alguma floresta, faça algum trabalho para ela e ela irá lhe dar sangue para você se revitalizar...

Nesse momento, Ananias saiu do quarto. Eu me olhei no espelho e me via pálido e entrando em decomposição. Precisava me revitalizar. No outro dia iria esperar o servo de Baalzebu chegar para me guiar até a cidade de Roma e poder fazer o que devia ser feito para melhorar minha situação. Agora os lados estavam invertidos e eu seria o demônio e não mais o mago. Uma coisa era fato: se eu não quisesse definhar o único jeito era ir atrás eu mesmo do meu alimento. Ali ninguém se importava com ninguém e os anos de ouro em que os seios da grande mãe me sustentavam haviam acabado.



CAPITULO VII

O Primeiro Contrato

Algumas horas passaram, não sei quantas, até que Ananias bateu a porta e disse:

— Vamos maldito! Gargalhando de forma diabólica.

Eu um pouco assustado, me levantei, lavei o rosto numa água cor de vinho que havia sobre a pia e então abri a porta e o segui...

Saímos do castelo e ele me entregou uma túnica e um chapéu velho, eu vesti aquilo e ele me disse:

— Nenhuma bruxa vai entender se vir um padre ao invés de um espírito das sombras para atender seus caprichos. Rindo pelos cantos.

Ananias tinha um forte cheiro de álcool. Eu via em suas mãos sempre uma garrafa de bebida. Essa garrafa tinha um couro em volta. A aura dele era negra e azul escura. Ele tinha uma cor pálida e em sua garganta havia uma mancha negra que estava sempre molhada com um líquido viscoso e negro. Suas mãos eram garras de demônios. Ele não tinha cabelos e os olhos eram negros. Aparentava um senhor de uns setenta anos, magro, mas bem sóbrio.

Atravessamos aquela grande ponte e caminhamos rumo a uma floresta. Conforme fomos adentrando, a atmosfera foi ficando um pouco mais leve e o cheiro de sangue um pouco mais sutil, até que chegamos diante da entrada de uma caverna. Nessa caverna havia uma fogueira acesa dentro, que dava indícios de que alguém estava lá. Ananias entrou na frente e eu logo atrás. Ao chegarmos dentro daquela caverna, encontramos uma jovem e uma senhora que fazia conjuros e

invocações ao Deus Baal. Ela solicitava que a divindade atendesse ao pedido da jovem que queria se casar com um homem da corte, embora fosse uma simples empregada plebéia. Ela pegou o coração de duas aves e os enrolou em um cipó, perfurando-os com um graveto de uma árvore sagrada, colocando-os em uma panela e cozinhando com bebidas aromáticas e unguentos, até que em dado momento ela trouxe um porco e deu um punhal nas mãos da jovem e pediu que ela encravasse no peito do porco, recitando alguns conjuros que ela lhe havia dito antes. A jovem então assim o fez, determinando que aquele coração pertencesse a ela e a mais ninguém. A velha senhora então rasgou o pescoço do porco e entoou cânticos a Baal. Neste momento Ananias se aproximou sem me dizer nada. Uma fumaça vermelha saia do pescoço do bicho e enchia o ambiente. Eu via pensamentos plasmados dos desejos da jovem no meio dessa fumaça vermelha e então Ananias disse:

— Se aproxime e recite este conjuro. Assim você irá aceitar o contrato que a Bruxa pede a Baal e irá se alimentar deste sangue também. No momento que eu recitei o conjuro, a fumaça veio em minha direção e me envolveu, envolvendo toda minha aura. Eu me via banhado de sangue e comecei a me sentir forte, poderoso e com minha vitalidade outra vez estabelecida. Ao esgotar o sangue da goela do animal, a Bruxa encerrou o ritual, dizendo a jovem o que ela deveria fazer com aquele unguento preparado durante a feitiçaria. A jovem um pouco assustada, tirou um pequeno saco com algumas poucas moedas e entregou a bruxa. Ela gargalhou e apagou a fogueira. Enquanto a jovem se despedia, neste momento, a bruxa fez um conjuro com o coração do porco nas mãos e o enterrou. Ela então se concentrou e entrou em um leve transe e através da vidência pôde nos ver bem nitidamente. Ananias já a conhecia e ela o cumprimentou já a mim ela perguntou:

— Quem és tu? Em um tom ameaçador.

Eu a retruquei e quando ia dizer meu nome, Ananias entrou na frente e disse:

— Este é Belzebu, velha.

Ela então recitou conjuros e pelos pensamentos que eu li ela expressava grande respeito por mim.

Ela me disse:

— Tu és Belzebu, príncipe dos demônios e poderoso entre os espíritos. Atenda

meu pedido. Faça aquele homem se apaixonar e eu lhe darei um grande presente!

Ela me apontou neste instante um Bode preto com grandes chifres e eu pude ver ali um negócio a ser feito.

Ananias então disse a ela:

— Assim que o homem desejado tiver mais uma relação sexual com aquela jovem, o feitiço estará completo e o encantamento sobre ele estará feito.

Ananias me deu um frasco que havia uma fumaça vermelha semelhante a que saiu do animal e disse que se eu me sentisse fraco eu deveria abrir o frasco e conjurar o que ele me ensinou para poder me alimentar daquele sangue.

Eu pensei comigo mesmo: por qual motivo eu deveria aceitar um trabalho tão exaustivo daquele para conseguir me alimentar? Será que não havia nenhuma outra forma?

Ele lendo meus pensamentos deu uma grande gargalhada dizendo:

— Você ainda pensa e age como homem vivo, isso terá que mudar e bem depressa, caso contrário você irá se dar muito mal deste lado. As coisas aqui não funcionam como na terra que você senta em qualquer lugar e come até dizer chega. A alimentação do seu novo corpo não é digerida por órgãos internos e sim por substâncias energéticas que mantém a vitalidade do seu corpo astral. Essas substâncias variam em número e grau. Você pode se alimentar de qualquer animal ou humano que libere as substâncias que você necessita. Porém, quando essas substâncias provêm de um ritual como este, elas possuem muito mais vitalidade energética para nós, pois antes elas são encantadas pelas forças dos antigos magos que, mesmo à distância, as absorvem junto conosco e as manipulam para que elas contenham força, poder, magia, grande vitalidade e que sejam de grande valia para nós. Se você fosse se alimentar de um porco qualquer por ai você provavelmente estaria passando muito mal agora, pois seria o mesmo de beber o sangue de um porco quando estivesse vivo. Embora alguma vitalidade ela pudesse trazer por conta dos seus pensamentos, você não seria capaz de manipular ela em um nível a ponto de filtrá-la totalmente para que lhe desse a energia de vitalidade tanto quanto um poderoso mago. É por isso que aceitamos os contratos através de sangue, trabalhamos para estes magos para mantermos nossa vitalidade, nosso poder e nossa força, a não ser que você queira se tornar um qualquer que perambula por

ai comendo os lixos e restos que oferecem, como um mendigo desse lado de cá!

Aquilo tudo que ele disse me esclareceu em muitas coisas, principalmente o fato de que muitas coisas iriam mudar em minha vida e o único jeito de me manter bem era esse, trabalhando arduamente. Eu não queria me tornar um mendigo, embora o gosto de sangue não saísse da minha boca. Pois na hora em que eu me alimentava, eu sentia um gosto doce escorrer pela garganta, como se fosse um vinho leve e suave que não me causava enjôo. Vinho era a bebida que eu mais apreciava como Padre. Ananias disse que sentia o gosto de Alambique, acredito que a magia transformava tudo aquilo em um grande prazer pessoal para o espírito que se alimentasse daquela energia. A carne exalava também a fumaça vermelha e era possível plasmar a carne usando essa fumaça que estava no ambiente. Bastava mentalizar, sem esforço, e em nossas mãos apareciam pedaços de carne ao qual mordíamos e sentíamos o gosto intenso de carne mal passada. Aquela bruxa havia conjurado corretamente as forças de Baal e por isso conseguíamos nos alimentar daquela forma. Havia bruxos e bruxas que não conseguiam o mesmo êxito, o que fazia com que a fumaça de sangue fosse extremamente fraca, não conseguindo trazer quase nenhuma vitalidade ao lado de cá. Assim, me contou Ananias o quão imprescindível era todo aquele ritual de ambos os lados.

Percebi que o dia amanhecia isso me alegrou muito e eu quis sair logo daquela caverna para ver o dia, Ananias se despediu e disse que eu poderia acompanhar meu enterro, mas que logo deveria voltar ao trabalho, pois havia muitas coisas a serem feitas. Então eu concordei e segui a saída do local, enquanto ele abriu um portal de sombras e entrou.

Eu saí da Caverna, mas não sabia onde me encontrava. Andei entre as florestas, mas realmente me sentia perdido. Até que ouvi um riso feminino que vinha de algum lugar dali. Eu procurei ver quem era, mas não encontrei ninguém. De repente, uma mulher apareceu atrás de mim e me perguntou:

— O que um Padre faz perdido numa floresta? Se eu lhe contar que estão velando um homem igual a você um pouco próximo daqui será que você vai acreditar? E soltou uma gargalhada irônica.

Eu a respondi:

— Quem é você? Fui eu mesmo quem morreu, aquele é meu corpo que está

sendo velado, pode me ajudar a chegar até lá?

Essa mulher era uma moça jovem de pele clara e muito linda. Elegante, de cabelos ruivos e cacheados nas pontas, olhos negros. As unhas eram vermelhas e vestia um vestido e capa preta que deixava o decote sensual aparecer...

No que ela prontamente me respondeu:

— Meu nome pouco importa, mas claro que posso. Porém, para tudo existe um preço meu caro Padre. Se você estiver disposto a pagar eu lhe ensino a chegar a qualquer lugar que você quiser.

E eu a disse:

— Mas aqui não tenho dinheiro. Lá na Igreja deixei alguns ouros escondidos posso lhe dar em troca, é a única coisa que tenho!

Ela então gargalhou alto e disse:

— Que tolo tu és Padre, o teu ouro nada vale deste lado. Quem tu foste nada importa aqui. A única coisa que me importa é o frasco que carregas contigo. Isso sim paga o que queres que eu lhe ensine.

Eu a respondi dizendo:

— Não posso lhe dar! É a única forma de eu me alimentar pelo que eu aprendi.

Ela então sorriu e disse:

— Tudo bem, sinto muito, mas não posso lhe ajudar então. Boa sorte a você!

Eu me enfureci e lhe lancei um conjuro para que ela fosse hipnotizada. Eu vi uma energia sair de mim e de minhas mãos, como se fosse um vento, e ir à direção dela rapidamente. Ela ficou um tanto zonza e seu olhar se tornou estático. Eu vi que a aura dela mudou e eu, daquele momento em diante detinha controle mental sobre ela. Ela mudou a forma, como se toda aquela beleza fosse embora como pó ao vento frio que passava naquela floresta. Ela se tornara uma caveira com um manto negro e com cabelos em pequenas partes num ruivo bem fraco e o restante do cabelo sem vitalidade alguma, esbranquiçado. Eu, então, a ordenei que me dissesse como chegar naquele velório em Roma ao qual ela dissera tê-lo visto e assim ela contou:

— Pensas no que queres e chegarás onde tu almejas.

Eu a ordenei ser mais específica e ela me disse:

— Grande mestre, o senhor deve pensar no lugar onde deseja chegar para que

você o alcance. Se você desejar chegar a um determinado local no mundo espiritual, você pode conjurar um portal. Mas se desejas chegar a um local na terra, deve mentalizar fortemente este local para que se direcione para lá... Isso não se dá de forma direta, você será atraído para aquele local como se um vento lhe levasse para lá. Quanto mais forte conseguires mentalizar, mais forte será este vento.

Antes de eu me despedir, eu colhi uma rosa vermelha que havia aos pés de uma árvore e coloquei em suas mãos. Ela ainda permanecia estática e seu olhar era para o vazio do horizonte, como se nada houvesse ali, como se o tempo tivesse parado e ela fosse totalmente minha escrava mental. Eu a assoprei a face, lhe tirando o conjuro e seu corpo começou a ficar belo novamente. Nesse instante eu sussurrei aos pés do ouvido dela por meio de uma maldição:

— Vá para os cemitérios, seu lugar será sempre lá e já que não me dissestes teu nome te chamarás de hoje em diante Rosa Caveira!

Neste instante um portal de fogo se abriu naquele local e ela entrou dentro dele sem o meu comando. Não fora eu que tinha conjurado aquilo. Senti uma leve impressão neste momento que alguém maior me assistira, mesmo de longe. Enfim, continuei no meu propósito.

Mentalizei fortemente a grande Catedral e vi filas enormes de fiéis católicos que se despediam de mim. Meu corpo era carregado e eu recebia unguentos sobre a face. Cânticos sacros eram entoados e muitos choravam. Neste momento, o novo Bispo Timóteo coordenava aquela cerimônia. Eu me emocionei um pouco em ver minha própria morte e o quanto de pessoas vieram me prestigiar. No fundo de minha alma eu sabia o que tinha sido e o que tinha feito, mas me sentia feliz por receber aquele acolhimento. Confesso que aquilo me fez bem. Até que eu vi uma Besta que parecia um leão de pé com patas diabólicas se achegar até o lado do Bispo Timóteo, eu observei e fui até lá conversar com tal ser e ele assim me disse:

— Seu caminho, Alexandre, nesta Catedral se encerra aqui. Vejo que agora está se virando bem deste lado, já compreendendo o que aqui deste lado de cá só em alguns séculos ou milênios os vivos irão entender! Você ainda é um espírito jovem, ainda tem muito que aprender. Vejo que agora sua rota será rumo a uma terra de xamãs e povos primitivos. Olha, lá a situação não é tão boa quanto aqui

viu? Finalizou gargalhando ironicamente.

E eu o indaguei:

— Por que não? — Pouco ouvi falar de outros lugares que não fosse a Europa e onde a Igreja detinha seus poderes políticos.

A besta me respondeu:

Você irá saber quando chegar lá. Mas agora quero que saia daqui. Eu comando este lugar agora e seus trabalhos aqui já foram encerrados. Não volte mais e enquanto você estiver desse lado, não ouse mais entrar neste lugar. O Bispo agora é Timóteo e pra mim você não passa de um corpo morto estirado sobre esse caixão!

Eu me enfureci e invoquei forças antigas e conjurei uma maldição contra ele para que ele sofresse a morte.

A Besta então gargalhou e rugiu pulando do altar onde se encontrava como um leão e veio em minha direção. Nesse instante, minha aura ficou negra e se ouviu uma voz grave e tenebrosa no ambiente que disse:

— Marduque, ele é meu!

A Besta rugiu e falou em outro idioma.

E eu ouvi a voz novamente dizer:

— Alexandre, saia daí! Volte para o reino de Anúbis e não volte mais a esta Catedral!

A fera estava pronta para me atacar, eu então recuei e vi que ali não se tratava de um ser qualquer e sim de um ser antigo, semelhante a Baalzebu.

Timóteo continuou a cerimônia e ele nem se deu conta daquilo tudo que acontecia no astral durante a minha cerimônia fúnebre. Conforme eu me afastava, percebi que a Besta voltou para o altar. Agora eles eram os donos daquele lugar e minha presença não era mais bem vinda ali. A vida tinha que continuar!

Ao chegar do lado de fora, segui até um beco escuro, me concentrei e proferi alguns conjuros que colhi da mente de Rosa Caveira, mentalizando um lugar no astral. Neste momento, um portal se abriu e eu o transpassei, chegando direto ao plano sombrio onde o forte cheiro de sangue exalava. Fui adentrando as portas daquele império e percebendo as gravuras nas paredes. Agora com mais calma e não assustado, consegui perceber que nas paredes havia hieróglifos e imagens egípcias que simbolizavam adoração a Anúbis. Aquilo me fascinou de tal maneira

que parei e observei cada uma, tentando entender cada uma detalhadamente, até que uma mulher de meia idade se aproximou e começou a dizer:

— *Tja, abrom, manrul, kiliv...*

Eu a olhei e a perguntei:

Você sabe o que esses desenhos significam?

Ela respondeu:

— Sim, elas dizem que depois da morte só um pode conduzir os mortos. Este é Anúbis. Ali também fala que os deuses guerrearam entre si. Já aquelas dizem que os deuses se amaram e tiveram um filho. São muitas histórias, meu velho. As paredes do Egito contam sua história, seus milagres e suas maldições...

Eu refleti um pouco sobre aquelas palavras, pois eu só havia visto alguns hieróglifos nas páginas de alguns grimórios, principalmente os das virgens e serpentes, mas ali era algo em uma escala muito maior. Era diferente e deslumbrante, como se realmente eu estivesse em outra época!

Agradeci a senhora e me despedi.

Continuei caminhando pelo palácio, muitas entidades iam e vinham, algumas chegavam, algumas eram conduzidas por guardas e outras se trajavam com vestes nobres, como reis e rainhas, mas todos em formas humanas. Encontrei Ananias e lhe perguntei onde era meu aposento. Ao me ver ele gargalhou e disse:

— Achei que já tínhamos lhe perdido. Quer dizer que você tentou matar um espírito antigo? Rindo sarcasticamente.

E eu lhe respondi:

— Eu fiquei muito enfurecido. Se eu estivesse vivo, jamais aquilo teria acontecido. Nunca ninguém me tratou assim. Mas um dia irei fazer um casaco com a pele daquele leão! Gargalhei.

Ananias me olhou fundo nos olhos e disse:

— Voltemos aos afazeres. Amanhã a jovem irá se deitar com o homem nobre nos estábulos da fazenda da família dele. Iremos até lá agora encantar a mente dele e enlaçar aqueles corações, cumprindo assim nossa parte do acordo!

Eu acenei com a cabeça e me dirigi aos meus aposentos.



CAPITULO VIII

Feitiço de Amarração

As horas passaram e aguardei Ananias me chamar, até que ouvi a voz dele: — Maldito, acorde! Levante Padre safado e vamos trabalhar! Rindo em tom de humor e alegria.

Levantei-me, peguei a túnica preta que mais parecia uma roupa de mendigo, cheia de rasgos. Era em si um trapo, aquele velho chapéu. Abri a porta, ele me ofereceu um pouco do seu alambique e fomos juntos caminhando mais uma vez para fora daqueles portões. Novamente entramos em uma floresta, mas quando o ambiente se tornou um pouco mais suave em relação ao cheiro de sangue, ele abriu um portal de fogo e fomos até a casa do homem desejado e alvo da magia. Ao chegar ao recinto percebi muito luxo. Tudo era de ouro, prata e havia até espadas de cobre e prata penduradas nas paredes e quadros pintados. Havia também uma arquitetura muito rica e de uma delicadeza nos detalhes que somente um bom apreciador e com alto poder aquisitivo da época poderia adquirir... O homem se encontrava adormecido e eu vi quando Ananias chegou perto da cama e impôs as mãos sobre a fronte da testa do jovem rapaz. Em instantes, o espírito do rapaz se fez presente no ambiente e questionou de súbito nossa presença. Enquanto o corpo dormia, o espírito se encontrava fora do corpo. Neste momento, Ananias me deu ordem que o hipnotizasse e o colocasse em estado mental passivo. Assim o fiz com as técnicas de magia que aprendi na terra. O mesmo fluido que havia saído de mim para hipnotizar aquela entidade que eu havia encontrado no caminho para meu funeral saiu novamente em direção ao jovem. Este, em questão de

dois a três segundos, se encontrou em modo cataléptico. Ananias se aproximou e fez algumas rezas e conjuros sobre sua cabeça. A aura do rapaz ficou vermelha e Ananias plasmou o coração do porco em suas mãos e colocou dentro do peito esquerdo do rapaz. Com o cipó plasmado, ele enrolou a cabeça dele dizendo o nome da moça que pediu o feitiço. Ele também passou um unguento na cabeça do rapaz e nas partes íntimas, recitando rezas e cânticos que eu percebia se tratar de invocações ao poder Baélico. Eu também vi que ele fez o jovem ingerir uma poção que tinha uma cor avermelhada e cinzenta. Após o jovem ingerir ele tossiu um pouco e chamou o nome da moça, dizendo:

— Anastácia, meu amor, quero casar-me contigo.

Ananias se virou para mim e disse:

— Aprendes-te? Não sou nenhum mestre em magia, mas o pouco que eu aprendi dá pra se virar muito bem – gargalhando – O coloque junto ao corpo e esperemos para a consumação do ato sexual.

Assim eu fiz, e aguardamos até o encontro dos dois. Antes o rapaz só via na moça um interesse puramente sexual e a iludia a um bom tempo, que se envolveria sentimentalmente. A moça, realizando uma consulta com a Bruxa, ela lhe contou o que se passava e que já havia moças prestes a tomar-lhe o homem desejado. A moça então se apressou a realizar o feitiço e assim chegamos aqui.

Era fim de tarde e as obrigações da jovem plebéia haviam terminado. Ela tomou seu banho e eu percebi que Ananias havia ficado excitado ao ver isso. E foi para seu encontro nos estábulos com o jovem rapaz. Ele já se encontrava confuso sentimentalmente em relação ao modo de pensar sobre a moça, mas acima de tudo, ele queria o prazer e, guiado pelos instintos animais, ele foi igual um cão obcecado para se satisfazer com sua fêmea. Ao chegar diante dela, ele lhe rasgou as roupas como um lobo feroz. Ela ficou um pouco assustada, pois nunca havia acontecido isso antes, mas se deixou levar, e eles começaram o ato sexual. O rapaz ao penetrá-la, sentiu um imenso prazer. Algo diferente acontecia. Ele sentia o corpo da jovem quente. Sentia seu coração pulsar e a cada gemido e suspiro, ele delirava mais.

Uma fumaça de cor roxa e vermelha começou a sair das partes íntimas que se tocavam. Neste momento eu vi Ananias se masturbando vendo toda aquela cena.

Seu órgão sexual se envolvia com aquela fumaça que exalavam dos jovens, até que ele se aproximou bem das costas do rapaz e disse se aproxime Alexandre, venha sentir um pouco disso novamente!

Eu me aproximei e ele disse para tocar no alto da nuca do rapaz, assim que eu o fiz, eu me senti totalmente estimulado. Senti o prazer que o rapaz sentia. A fumaça roxa e vermelha me envolveu e eu me sentia como se estivesse no lugar daquele jovem transando com a moça, neste momento, o rapaz ganhou mais impulso sexual e com isso o ato continuou e se estendeu até o escurecer. No momento da ejaculação, eu senti que eu também estava tendo uma ejaculação. A diferença era que eu sentia o prazer mental, não havia esperma saindo de mim. Eu sentia todo o prazer carnal, assim como quando vivo. A única diferença era que eu não tinha um corpo material e me utilizava de um para me saciar.

Ao finalizar o ato, o jovem olhou aquela moça e disse-lhe:

— Eu estou muito interessado em você. Não tiro você da minha cabeça desde cedo. Ao te ver hoje meu coração pulsou diferente. Conhecemo-nos há um tempo já e hoje eu vejo que chegou a hora de namorar você. A partir de hoje você não será mais empregada desta casa!

Ananias e eu demos uma boa gargalhada e nos cumprimentamos como amigos que conquistavam uma vitória. Nosso trabalho tinha sido um sucesso e assim que a jovem voltasse dizendo tudo o que ocorreu à Bruxa, ela teria que sentar e me dar aquele Bode preto, a mim e a Ananias. Daquele momento em diante, eu vi que ali era meu lugar. Eu gostei muito de fazer aquilo, de sentir esse poder em minhas mãos e de não ter que ser nada além do que eu já era: um verdadeiro bruxo, mas de agora em diante um verdadeiro demônio chamado Belzebu!



CAPITULO IX

Magias & Estudos

Ao voltar ao reino de Anúbis, voltei aos meus aposentos e foi me trazido uma recompensa pelo trabalho: vestes novas e um cajado de feiticeiro que me ajudaria a enfeitiçar e lançar encantamentos em meus futuros trabalhos. Passando alguns meses de estudos e trabalhos, um velho senhor de manto e capuz negro bateu em minha porta e pediu para eu lhe acompanhar. Ele carregava um medalhão egípcio no pescoço. Era uma cruz egípcia. Este senhor me levou até uma sala grande, com uma pequena pirâmide dentro dela e me disse para observar.

Enquanto eu observava, muitos outros espíritos foram se achegando. Parecia se tratar de uma palestra ou discurso. Ele plasmou assentos e assim todos se assentaram. Ananias sentou-se atrás de mim. Ele se apresentou como Memphis e começou seu discurso flutuando em cima da pequena pirâmide e prosseguiu dizendo:

— Sejam bem vindos espíritos. Vejo que a maioria de vocês são espíritos jovens. Alguns aqui são mais antigos do que pensam e é por isso que estamos aqui! Alguns irão relembrar do que já sabem e outros irão aprender com o novo. Esqueçam tudo o que sabem e comecem agora a aprender corretamente o que é a magia. Neste momento ele recitou um conjuro sobre a pirâmide e a sala se fez fria. As tochas que havia acendido mudaram a cor para um fogo azul, e eu entrei em estado de transe. Comecei a me lembrar de uma vida na Índia, fui conhecedor dos mistérios de gurus antigos que manipulavam segredos sobre a natureza, inimagináveis para mim como padre. Eu pude ver estes Gurus mudando o clima

atmosférico do local que habitavam, manipulando a chuva, as nuvens e até os vulcões, isso tudo foi me trazendo um conhecimento antigo muito aprofundado. De repente, me via em um templo xamânico. Eu conduzia ervas, folhas e curava doentes e amaldiçoava com pragas meus desafetos. Eu tinha o poder de falar com os mortos dos rios e de cultuá-los. Vi-me também em um templo persa, ao qual eu me encontrava diante da imagem de um rei e eu sacrificava humanos diante daquela imagem. Eu via que guerras eram vencidas através destes sacrifícios e que o povo comemorava por eu ser um grande sacerdote escolhido pelos deuses, até que uma batalha não foi vencida pela falta de vigor dos guerreiros e o mesmo povo que me aplaudia foi o mesmo que me virou as costas e, juntamente com os meus inimigos, me amaldiçoaram. Estes praticantes de magia foram os que induziram aquele povo a me sacrificar também para pagar com a vida todo aquele sangue derramado por aqueles guerreiros e inocentes que confiaram na minha palavra como Sacerdote de que mais uma guerra seria vencida. Em verdade, a guerra estava vencida, mas meus inimigos armaram contra mim, mandando uma escassez logo à frente, no caminho até o campo de batalha. Foram vários magos que se uniram a isso e esse foi meu fim nessa vida. Quando voltei do transe, eu tossia muito e me sentia totalmente diferente. Minha consciência tinha ido muito além e eu não me via mais como um padre qualquer. Eu trajava vestes persas e me via com muitos colares de ouro e muitas jóias pelo corpo. Até nos dedos dos meus pés havia anéis. Neste momento Memphis olhou para mim e disse:

— Agora você se encontrou Mrahusk!

Ele se aproximou levitando e continuou dizendo:

— Porém, agora você não é nenhum destes. Você é Belzebu, um servo das trevas. Veja o que você é...

Ele colocou as mãos sobre os dois lados da minha cabeça e me plasmou como um demônio com chifres, patas de bode, com mais ou menos de dois a três metros de altura, um porte físico muito forte, com um rabo de demônio e o corpo todo preto, e disse:

— Agora essa é sua forma bestial, é assim que você irá impor respeito por onde passar e trabalhar. Somente assim os outros espíritos irão ter noção de quem você é. Através desta forma que você irá se tornar grande e temido. É assim que

você irá alcançar as recompensas dos dragões. Você se lembra de conhecimentos antigos?

Eu lhe respondi:

— Sim, muito bem. Recordo-me de coisas que nunca pensei ser e nem possuir. Agora eu tenho noção do que eu sou, do que eu posso e do que eu ainda não consigo fazer deste lado de cá!

E ele continuou a me dizer:

— Ótimo, meu objetivo está concluído. Agora você deve partir deste reino para o reino que seu mestre já estabeleceu em solos férteis, longe daqui. Quem sabe um dia não me encontre por lá? Ele sorriu sarcasticamente e abriu um portal através de uma chama azul que eu vi saindo de seus olhos.

Ananias olhou pra mim e disse:

— Em breve estarei por lá. Nos veremos ainda, Padre safado!

Eu sorri e disse:

— Obrigado amigo, espero lhe ver logo, maldito! Entre gargalhadas e risos me despedi.

Muitos ali ainda se encontravam em transe e outros já se despediam. Antes de entrar no portal, eu pude ver que o Mago continuava flutuando sobre a pirâmide muito bem concentrado e que aquilo tudo que conversávamos outrora era de certa forma uma habilidade mental tão grande capaz de se reproduzir para vários espíritos naquele ambiente e conseguir conversar com todos ao mesmo tempo, individualmente. Não se tratava de onipresença, mas sim da alta capacidade mental daquele ser de conseguir se comunicar com vários seres de uma só vez, projetando pensamentos e imagens em suas mentes.

Eu entrei no portal e me vi caindo em um buraco negro. Era imenso, escuro e frio. Eu me sentia caindo como quem se joga de costas em um rio. Eu sabia que nada ia me acontecer e que não havia problemas de eu me machucar. Então deixei aquilo fluir até que atravessei novamente um portal e cai de joelhos em frente ao meu mestre Baalzebu. Eu o olhei e ele gargalhou e disse:

— Está lembrado agora de tudo? Agora sim você me é útil!

Ele mandou eu me levantar e segui-lo. Fomos para o subterrâneo de um lugar que era como um cemitério para os habitantes daquele local. Logo notei que se

tratava de um povo primitivo e lhe perguntei:

— Estamos em uma época diferente ou esse povo realmente vive assim?

Ele respondeu:

— Não se trata de uma volta no tempo, aqui é uma terra que está prestes a ser descoberta por homens de civilização avançada. Esse povo é primitivo, mas possui uma grande capacidade magística. Aqui, a prática da magia irá se concentrar fortemente nos próximos séculos. Assim disse-nos o Dragão, por isso estamos aqui! Aqui você irá estudar a magia deste solo, irá estudar os peles-vermelhas e irá entender como as forças da natureza respondem a estes homens. Seus estudos irão além disso, pois daqui alguns séculos você terá que retornar a matéria para vivenciar mais uma vez a experiência carnal e aprender um pouco mais sobre este chão que te fará um espírito poderoso um dia e muito grande.

Neste momento meu coração disparou. Tive medo de voltar para o corpo físico. Senti como se fosse perder tudo o que eu tinha conquistado. Foi o mesmo de ouvir que em breve a morte chegaria para os ouvidos de um vivo.

Ele continuou dizendo:

— Aprenda a manipular os fluidos daqui, para você chegar do lado físico forte e com a natureza te respondendo. Estude os campos etéreos que estes feiticeiros criam. Aqui há espíritos de velhos sábios que irão lhe ensinar sobre as ervas e magias desta terra. Hipnotize-os. Domine-os. Você irá aprender muito com eles. Use a magia que você sabe para aprender esse novo mistério. Em cada lugar existem campos, forças, energias, seres que atuam de forma diferente umas das outras, por isso você deve se aprimorar e aprender o quanto antes. Séculos passam rápido e sua volta não irá demorar muito.

Eu lhe perguntei:

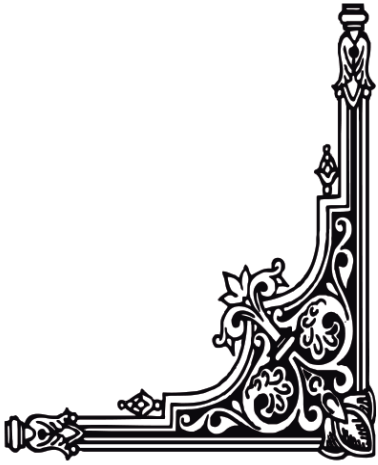
— Até quando deverei continuar reencarnando? Será que isso nunca terá um fim?

Ele gargalhou e disse:

— Você quer abdicar-se dos seus poderes e de tudo o que conquistou até agora? Se não quer, terá que passar mais uma vez na matéria. Após isso, se permanecer fiel, você irá conhecer um Dragão e ele irá permitir a você se ligar a ele para que você não tenha que reencarnar novamente e se aprofunde mais no mundo sombrio. Existem seres que aprendem muito com as trevas e depois seguem seus caminhos

para rumos diferentes. Esses continuam reencarnando e vão se distanciando de nós aos poucos. Mas aqueles que desejam continuar nesse propósito de poder, magia negra, feitiçaria, domínio de nações e querem cada vez mais poder, precisam realizar alguns pactos e esses só se realizam com os senhores do mundo, os Dragões.

Após esses esclarecimentos, eu entendi que no meu nível espiritual eu ainda precisava reencarnar. Eu teria que voltar para somente após passar novamente pela carcaça humana, eu poder ter o direito a um pacto com os Dragões. Não era fácil ter acesso a estes seres e somente os merecedores iriam chegar lá. Desde então o tempo passou e eu prossegui meus estudos. Consegui me tornar chefe de uma aldeia e os pajés viram em mim um grande ser que atendia seus desejos facilmente. Assim eu trabalhava e obtinha as minhas energias necessárias para minha constituição astral. Dominava os espíritos ligados a natureza daquele local para me mostrarem os segredos e a magia daquela terra e assim foi por alguns séculos, até que fui convocado por Baalzebu. Era chegada a minha hora. Hora de voltar ao corpo. Hora de encarar os medos que eu tinha. Hora de mais uma vez voltar para as grades de carne.



CAPITULO X

O Negro

Baalzebu me convoca para uma audiência. Havia muitos espíritos nesta audiência e eu era só mais um deles. O ano se dava em 1726. Ele se levantou de um trono feito de ossos e ouro e disse:

— Todos vocês serão lançados na terra novamente. Vocês irão voltar para lá e isso é inevitável. No estado em que vocês se encontram a vitalidade do sangue já não vos vitaliza como antes. Vocês estão fracos e ficar aqui farão de vocês seres inúteis. Voltem e mostrem o valor de vocês e ao retornarem, se permanecerem fiéis, vocês terão direito a um pacto com os dragões. Todos abaixaram a cabeça e concordaram. Anúbis se encontrava sentado ao lado dele e, nesse momento, ele abriu um portal e ordenou que entrássemos nele. Todos foram entrando em fila e assim eu fiz. Foi neste momento que me vi caindo em sombras e acordei num grande lamaçal. Eu estava sem minha aparência demoníaca e tinha voltado à forma humana, porém agora estava como um cadáver. Nesse momento eu vi seres virem até nós e nos prenderem com redes elétricas. Eu não resisti muito e logo apaguei com forte dor de cabeça. Quando me dei por conta, estava diante de alguns Pajés. Eles tinham uma aura dourada e iluminada. Também vi um africano com muitas guias e com uma aura azulada em volta dele. Foi quando o Pajé me disse:

— Moço, você foi homem pele branca, foi homem que viveu em pedras e penas brancas, mas não fez coisa boa não, fez alma ser escravo de homem ruim. Você enganou e usou poder da natureza para machucar almas e homens da terra. Volta agora e aprende a não ser homem mau.

O Africano me olhou continuadamente e disse:

— Volta no meio de orixá, aprende a ser homem bom, volta no meio de nego véio e no meio de nega véia e aprende a usar humildade. Volta no arder da chibata

e aprende com dor a não fazer dor. Volta no meio de homem branco e aprende a não ser igual homem branco. Orixá cuida de você e você cuida de orixá. Eu te espera aqui e você faz coisa boa lá.

Foi quando guardas africanos com lanças e escudos primitivos entraram naquela cabana de palha e me levaram acorrentado até um rio e uma sacerdotisa africana vestida de amarelo apareceu, com guias e adereços muito belos e dourados e me disse:

— Homem branco não é mais branco.

Nesse momento ela começou a me sujar de barro, e eu esbravejava ódio dentro do meu olhar, mas como que por encantamento, eu não conseguia dizer uma palavra sequer. Quando ela olhava pra mim a aura dourada dela ficava muito forte e eu não conseguia olhar. Era como se fosse um sol mas que não me queimava.

Quando me dei conta, o barro que ela tinha passado em mim tinha mudado minha cor e daí então eu não era mais branco. Tornara-me negro e eu sabia que a escravidão naquela época era sofrida e tive certeza que iria passar um bocado na terra.

Nesse instante, a sacerdotisa fez as águas dos rios se mexerem sob seu comando, ela rezava e uma luz acendeu sobre o rio. Foi quando ela ordenou que me jogassem lá dentro. Esse momento foi o meu reencarne. Havia voltado de fato para a terra e era a hora de reencontrar antigos amigos e alguns algozes...

CAPITULO XI

A Ira de Xangô

De volta novamente à matéria, minha vida infantil se baseou em trabalhar em cafezais junto aos meus avós e pais escravos, na terra de Pernambuco. Quando eu tinha quatorze anos, o senhor da fazenda me chamou e disse:

— Negrinho, macaco, o que anda a fazer?

Eu abaixei minha cabeça como meus mais velhos me ensinaram e lhe disse em baixo tom de voz:

— Meu senhor tenho trabalhado nos cafezais de fazenda, nego muito ajuda em tudo que pode.

Foi quando ele me deu uma chicotada e disse:

— Imprestável, isso é trabalho para velhotes, tu tens que fazer outras coisas, macaco burro.

Eu chorei por dentro e pedi aos orixás que ele não me batesse mais.

Ele gritou ao capataz Antônio e disse:

— Ensina este negrinho algo de útil. Quero que ele me sirva fazendo alguns serviços para mim. Você sabe do que eu falo.

Antônio acenou com a cabeça e me chicoteou dizendo:

— De pé! Nego aqui apanha calado e não cai, se cai vai pra tronco sem água e sem comida, só com chibata e vara de espinho no lombo.

Nesse momento, meu olhar foi longe e eu vi perto de uma laranjeira minha avó e mãe por traz olhando tudo e pondo as mãos no coração, chorando. Minha avó colocou a mão na terra e parecia riscar algo. Foi quando o senhor da fazenda passou um pouco mal e teve que se recompor. Acreditara-o que era por causa do calor. Eu abaixei minha cabeça novamente e Antônio me conduziu a um lugar

onde havia muitos chicotes e disse:

— Na frente de Senhor Branco capataz Antônio é ruim e mau, por trás sem ninguém ver Antônio te ajuda, come dessa folha e folha faz passar dor rápido, Senhor quer que nego aprenda a matar, torturar e ser bom nisso, Antônio está velho e perdendo força de mão, aprende a manejar chicote, aprende a ser ruim e Senhor vai se agradar, qual é seu nome?

E eu lhe respondi:

— Sempre fui chamado de Zé, mas meu nome é Zeca.

E ele continuou:

— Zeca não pode existir mais, teu nome é Sizuno, será este nome que nego vai respeitar!

Os anos passaram. Eu cresci e quando ia completar meus vinte e dois anos, passei por uma experiência horrível com as três filhas do coronel da fazenda. Elas acenderam uma fogueira e essa fogueira acabou queimando parte da senzala e matando alguns negros. O Senhor me gritou e disse:

— O que acontece Sizuno? Macaco!

E eu vi as jovens sujas de cinzas e saindo por detrás da senzala dando muitas risadas e eu disse:

— As vossas filhas coronel, elas colocaram fogo na senzala, eu as vi saindo por detrás.

Elas chegaram gritando que tudo era mentira e disse que tentaram apagar, mas sem sucesso e que a culpa era minha por deixar os negros fazerem magia negra na senzala acendendo velas para o demônio, o que fez com que a senzala pegasse fogo.

O coronel me lançou um olhar terrível e disse:

— Pois vais tu agora tirar negro por negro daquela senzala em chamas e se não terminares antes do sol se pôr tu é quem serás queimado vivo!

Com extremo ódio daquelas três moças e com muito medo de morrer queimado, eu entrei e o fogo queimou meus pés e pernas. Eu gritava de dor, mas consegui tirar os negros de lá de dentro, todos carbonizados pois estavam acorrentados e não tiveram como escapar. Já outros conseguiram correr com algumas queimaduras, mas antes de sair com o último de lá de dentro, eu vi no meio do fogo um pássaro em forma humana e ele me mostrava três freiras, eu voltei a

lucidez rapidamente e sai da senzala.

Por ordens do senhor, quase todos os negros foram acorrentados em árvores e foram colocadas correntes no meio de panos em suas bocas para que não gritassem durante a noite. Com meus pés e pernas queimados, eu quase não conseguia me mexer de tantas dores. Foi quando uma mãe velha da senzala se achegou a mim e disse-me:

— Sizuno, Sizuno, coisa que queima pele também queima alma num é Sizuno.

Vim trazer remédio pra dor que queima carne, mas remédio de alma nega num tem, tem que vir de dentro.

E eu pensei comigo mesmo, porque falar era impossível:

— Sobre o que essa véia doida fala? Que dor insuportável, acho que vou morrer. Agô!

E como se ela lê-se os meus pensamentos ela disse:

— Num vai morrer hoje não Sizuno, ancestral dá vida pra você. Mas Xangô estava muito bravo com você por isso fogo queimou. Xangô é dono de justiça Sizuno, nego fez coisa errada em tempo antigo e por isso veio cobrança, Xangô diz que cicatriz de perna fica pra sempre pra lembrar que o que ocê prantar ocê vai coier, Xangô fala que cobra caro de ocê e que essa será sua vergonha, Sizuno não tem mais corpo humano, Sizuno agora é parte cinza e parte homem, Sizuno faz por onde e volta a ser homem, Sizuno faz errado e vira cinza...

Ela passou os remédios e eu meditei por alguns instantes sobre tudo aquilo que ouvi. Não sabia do que ela se referia, mas sentia no íntimo que aquilo tudo tinha um porquê. Logo adormeci e ela continuou ali cuidando de mim...

Passando uns três meses eu me recuperei e comecei a caminhar devagar e com dores. Meu corpo ficou deformado. Mesmo assim o coronel impiedoso fazia eu trabalhar arduamente sem descanso, sob o sol quente e a chibata. As filhas acabaram viajando para o exterior e se casaram por lá, uma morreu em um acidente e depois eu não soube mais notícias.

No ano de 1749 o coronel fez uma viagem a Portugal e conhecera uma jovem ao qual se casou lá e a trouxe para o Brasil, o nome desta jovem era Maria Antonieta e ela seria a Sinhá daquela fazenda. Muitos negros ficaram curiosos para saber quem era esta moça, porém, nos primeiros anos ela mal saia de dentro de

casa. Era nítida a possessão do Coronel sobre ela, até que ela pôde sair aos poucos com o passar dos anos, mas não pela vontade do Coronel e sim por conta das amizades que ele tinha que ao visitar lhe, levavam as esposas e essas queriam conhecer a nova Sinhá. Ela era uma jovem muito abatida, magra, parecia que não se alimentava muito bem e sempre com umas marcas estranhas nos braços, como se fosse machucada frequentemente. Algumas vezes eu pude ver outros capatazes a mando do Coronel entrando com folhas de urtiga e todos ouviam gritos da Sinhá, como se fosse torturada com aquelas ervas... Passaram alguns anos e foi quando em uma tarde que eu estava caminhando entre os cafezais com meu chicote, observando o trabalho dos negros, e a vi diante de uma árvore. Ela me chamou e exclamou:

— Sizuno, quero ter uma palavra contigo!

E eu lhe respondi:

— Sim, Sinhá? Estou te ouvindo.

Ela me chamou de canto como se fosse dizer algo em secreto e disse:

— Quero matar o coronel. Ajude-me a armar uma emboscada para matá-lo!

Nesse momento meu coração disparou de medo. Eu sabia que ele andava armado e que tinha muitos capangas que o protegiam. Seria um teste de fidelidade aquilo? Não sabia o que dizer e então abaixei a cabeça, me ajoelhei e lhe disse:

— Tem misericórdia de nego, eu não quero causar probrema não dona e nem morrer no tronco minha Sinhá.

Ela me olhou e disse:

— Vamos matá-lo junto com outros negros e prometemos a estes a liberdade, depois os matamos e nos vemos livres do Coronel e de qualquer acusação. Eu já tentei magia negra e não funcionou. As velhas dizem que ele tem proteção forte e que foi colocado ali por decisão dos orixás. Então eu mesma terei que matá-lo. Elas disseram que nem das mãos de um negro ele morreria por causa dessa proteção... Me ajude Sizuno! Minhas mãos brancas podem matá-lo, Me ajude a fazer isso e serás muito recompensado...

CAPITULO XII

A Dona 7 Facadas

Após meses com a procura insistente dela a mim para que eu a ajudasse, eu decidi aceitar o plano. Convoquei negros para ajudarem e fizemos a emboscada. Ela lhe esfaqueou com muito ódio em cima do coração e do genital e depois eu também o esfaqueei sobre as mãos e a garganta. Ele morreu de olhos abertos, com sangue saindo pela boca. Ela estava vestida toda de luto, pois estavam a caminho de um enterro de um parente do Coronel. Após o matá-lo, ela tornou a colocar o véu preto e mandou que os negros o queimassem para que não restasse chances dele sobreviver e assim foi feito. Ela disse para os negros jogarem as roupas no mato e se banharem em um rio próximo para se limparem de todo o sangue. Nesse momento, eu a ajudei a sair daquele local e, após chegarmos à fazenda, ela ordenou uma caçada aqueles negros por traição e os matou, alegando que eu fui o único que a ajudou fugir daqueles homens que mataram o coronel, merecendo assim o posto de honra como capataz de frente de toda aquela fazenda...

Os anos passaram e a Sinhá Maria Antonieta foi quem comandou a fazenda daí por diante. Eu envelheci e nessa idade já me tornara aprofundado em magia africana juntamente com ela. Embora continuasse a dar ordens como capataz eu também me dedicava à arte da feitiçaria e ajudava a Sinhá nos rituais que ela fazia, pois ela apreciava muito o poder da magia e era uma bruxa muito forte. Tinha o dom de ver e conversar com os mortos e de fazer coisas sobrenaturais acontecerem junto com eles. Aprendemos juntos muito sobre o conhecimento de folhas, ebós e feitiços, e muitas pessoas da alta nobreza procuravam Dona Maria Antonieta com o intuito de uma ajuda nos negócios, terras e fábricas que surgiam para tudo quanto era lado naquela época. Claro que debaixo do manto da noite sob a tutela de segredos e muito sigilo.

Assim se sucedeu e por volta do ano de 1793 eu vim a falecer. Foram feitos meus rituais fúnebres e meu corpo enterrado sobre bambuzais com cânticos e rezas que veneravam os mortos. Egungun foi invocado, os ancestrais africanos me ajudaram a fazer a passagem... Era uma época difícil para todos nós, mas só o fato de podermos cultuar nossos Orixás e Babaeguns sem sermos reprimidos e de não haver mais o jugo do antigo coronel por puro prazer ao nosso povo, já nos fazia felizes em estarmos bem...

E então, quando me dei conta do outro lado da vida, me vi debaixo de uma árvore grande e sobre a qual os negros dançavam em volta, todos vestidos de branco. Foi quando eu vi um homem negro, com lábios carnudos, vestido de preto e vermelho com um gorro na cabeça das mesmas cores e com muitos búzios, que chegou e me disse com uma voz grossa e forte:

— Me siga Zeca, me siga.

A voz dele sobressaia a de todos ali que entoavam cantos. De um momento para o outro todas aquelas vozes ficaram em um som muito baixo e só o que ele disse ecoou nítido sobre o ar...

E eu lhe respondi prontamente:

— Laroyê Esú. E o segui.

Enfim, eu estava livre da escravidão. Isso me deixava muito alegre e contente. Eu chorava de emoção e vi quando uma mãe velha me viu passando ao lado de Esú e disse:

— Sizuno agora vai embora, Sizuno vai caminhar com Esú, Sizuno é nego livre agora...

A partir de então eu saí da fazenda. Percebi alguns guardas ali em volta vestidos de palhas. Logo identifiquei que se tratava de ancestrais que guardavam aquele lugar. Caminhando com Esú a minha frente eu ouvi um assobio e foi quando aquele homem virou pra mim e me assoprou um pó preto no rosto, ao qual senti meu corpo inteiro adormecer e minha face formigar. Ele soltou uma forte gargalhada e nesse momento fui perdendo a consciência até que quando voltei em si, não estava mais no mundo dos vivos. Havia chegado a um Quilombo onde se tocavam muitos atabaques, e se louvava a Esú. Ali começava meu caminho dentro do rito de Quimbanda...

CAPITULO XIII

Na Mesa com Esú

Quando cheguei, naquele Quilombo estava acontecendo uma grande festa em louvor a Esú. Bodes estavam sendo sacrificados e eu fiquei atento observando a tudo.

Aquele homem se sentou em uma pedra e com um charuto na boca começou cantar:

'Ai na Nganga Ele um Mavambo

Ai na Nganga ele é um Mavambole

Eh segura a gira ngongogira

Eh segura a gira mavambole'

E eu percebi que aquele povo se alegrava e comemorava a vitória de novos escravos que haviam fugido de seus senhores e que conseguiram chegar àquele Quilombo são e salvos graças à proteção de Esú...

Eu olhei aquele homem e perguntei:

— O senhor é Esú?

Ele gargalhou e retrucou:

— O que é Esú para você?

E eu prontamente respondi:

— Esú é o Senhor dos caminhos, o senhor dos Ebós. Sem Esú não se faz nada.

Ele então soltou uma longa fumaça de seu charuto e me disse:

— Se Esú é o senhor dos caminhos, se Esú é o senhor da magia e dos ebós, e se sem Esú nada se faz, eu posso dizer que eu sou Esú, pois eu te guiei até aqui, não foi? Eu faço a magia desse povo acontecer e por isso eles me louvam e sem

mim eles nada podem fazer... Orixá não é um homem ou um espírito, orixá é a força da natureza que habita dentro de você. Você é um espírito e o seu orixá mora dentro de você. Quando esse povo chama Esú eu lhes apareço e eu lhes atendo porque Esú mora dentro de mim e então eu também sou Esú.

Fiquei surpreso com a resposta daquele homem, o mistério lhe envolvia e pelo que eu entendi devia tratá-lo como aquele povo o tratava. Ali era Esú, o que me guiou no mundo dos mortos.

Ele me convidou para comer junto com ele e vi que outros negros se sentaram ao nosso redor. A carne era farta e havia tudo o que meu paladar se agradava: dendê, tempero, carne e muita cachaça.

Permaneci uns dias me alimentando de tudo aquilo e Esú conversava muito comigo e me explicava sobre muitas coisas que eu não entendia sobre o outro lado. Eu ainda não me recordava de outras vidas, só me lembrava da última como capataz...

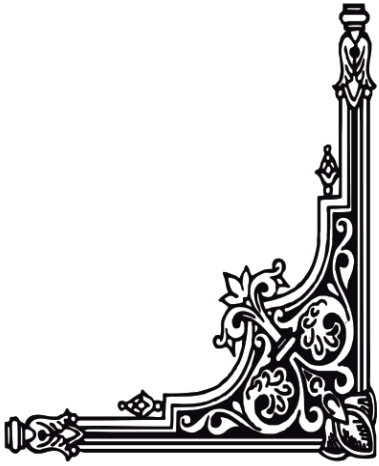
Esú durante sete anos me ensinou a manipular a força astral das encruzilhadas, me ensinou a comer com suas rezas e cantigas, me ensinou a dançar com o fogo, me ensinou a me proteger com as folhas. Embora eu tivesse aprendido muita coisa sobre magia enquanto estava vivo do outro lado, era tudo muito diferente e era necessário aprender a sobreviver daquele lado para não cair em desgraças. Esú me ensinou a ser forte. Eu quando vivo fui feito de Ògún, mas foi Esú do outro lado que veio me dar o caminho. Esú me ensinou a feitiçaria, o poder de fazer tanto o bem quanto o mal, o poder sobre o ouro e a prata dos homens e por fim do sétimo ano, ele me ensinou o poder da possessão, a tomar a cabeça de uma pessoa com total força. Ele me colocou perto de uma mulher gorda e feiticeira e eu comecei a sentir os pensamentos cada vez mais fortes da mulher, até que senti um arrepio muito forte passar por todo meu corpo. Neste momento eu estava acoplado no corpo dela. Ele me disse para festejar e dançar conforme ele tinha me ensinado. Foi me colocado um trabalho de magia para eu realizar com aquela médium. Eu o fiz usando o corpo dela e em nove dias o resultado aconteceu. A criança que estava doente no Quilombo, prestes a morrer, melhorou subitamente e as feridas de seu corpo foram saradas. Fora culpa de um feitiço feito por uma feiticeira de outro Quilombo. A magia maléfica foi desfeita e eu me alimentei de

um bom carneiro dado pelas mãos da feiticeira ao qual incorporei...

Esú me chamou e disse-me:

— Homem negro, seu aprendizado aqui termina, vá por este caminho. Esú te segurou aqui porque você precisava disso tudo para aprender a se virar nessa terra que você pisa. Esú é seu amigo e quando precisar você sabe me chamar...

Gargalhando, ele me levou até uma encruzilhada e me apontou uma direção. Eu me despedi e lhe bati cabeça, agradecendo. Foi quando um vento forte sobreveio e seguia na direção que me foi apontada, eu beijei-lhe as mãos e ele me assoprou a fumaça de seu charuto sobre minha cabeça me abençoando, e então eu segui aquela estrada...



CAPITULO XIV

A Calunga

Caminhando durante quase todo o dia, comecei a chegar a um lugar com muitas árvores secas e avistei urubus que pousavam sobre estas. Abaixei minha cabeça, pois eu sabia que eles representavam o poder das antigas Iyamís Osòrongas. Segui firme na estrada que Esú me apontou, até que vi que eu não estava mais numa estrada de terra e sim caminhando entre ossos de animais e caveiras humanas. Foi quando comecei a ouvir grunhidos e vozes de dor e sofrimento. De repente, vi entidades cambaleando procurando alguma coisa me pareciam estarem perdidos no espaço e no tempo, não falavam nada com nada e muitos gritavam nomes de pessoas, outros chamavam por mãe, pai. Era uma cena de horror. Até que cheguei diante de um portão de ferro grande e imenso, estava aberto e eu fui adentrando. Logo percebi uma cruz a minha frente, uma cruz de madeira. Nesse momento alguns homens apareceram com chicotes nas mãos e disseram:

— Este negrinho tem que pagar. Deve ser acorrentado e irá nos servir.

Um me lançou uma chicotada que eu senti a dor na alma. Nesse momento eu rezei um ofó de Esú, pedindo força e magia contra meus inimigos e então eu vi quando em minhas mãos apareceu um pó preto e eu ouvi:

— Assopre sobre eles.

Quando assoprei, eles caíram longe no chão e uma fumaça negra tomou conta do lugar. Eles me chamaram de bruxo e correram com medo...

Até que ouvi uma gargalhada de um homem, e ele começou a rezar a Esú também dizendo ser amigo e não inimigo. A fumaça se dissipou e diante de mim eu vi um ser totalmente esquelético, com olhos negros e chifres de ossos. Na sua mão ele carregava um cetro com uma cabeça humana ainda em decomposição e ele se apresentou como Exu Tata Caveira.

Eu o cumprimentei e lhe disse:

— Quem eram aqueles homens que vieram para me acorrentar? Aqui deste lado também existe escravidão?

E ele me respondeu gargalhando:

— De onde você pensa que ela foi inventada? A subjugação de seres aqui é constante, como dizem por aí, quem não pode com mandiga não carregue patuá. Aqui é do mesmo jeito e até pior, ou você pode ou você não é nada. Quantos senhores de fazenda chegam aqui e se tornam escravos dos mais maltratados que existem. Eles pensam que ainda são reis, imperadores, barões, princesas, mas nesta Calunga ninguém é nada mais e nada menos que um monte de ossos assim como eu. Os vivos que entram aqui vêem esse lugar como um lugar de dor, de silêncio e de saudade, mas desse lado de cá é bem diferente, aqui é uma cidade de ossos, mortos e noviços. Os que tentaram lhe capturar ficam atentos a qualquer alma que chega aqui sem estar acompanhada por um Exu, se elas chegam desacompanhadas é porque estão fracas e perdidas o que lhe torna uma presa fácil para eles acorrentarem e escravizarem.

E eu o questionei:

— Então porque eles não vão atrás daqueles que se encontram perdidos do lado de fora que eu vi? Eles parecem bem fracos...

No que ele riu sarcasticamente e disse:

— Aqueles não servem, são loucos sem consciência alguma de nada. Não possuem consciência plena nem para entender uma ordem. São loucos. Aqueles que estavam com chicotes nas mãos querem mentes sadias, que estejam conscientes para ouvirem e lhes obedecerem sob o julgo da dor. Esses aí, nesse estado, nem sob um caldeirão de fogo lhes atenderiam alguma ordem. Porém são úteis em outras funções, como colocar estes seres na casa de alguém, isso lhe trará muitas perturbações. São artes da necromancia que Tata Caveira conhece bem...

CAPITULO XV

O Dragão

Refleti sobre aquelas palavras e voltei a mim mesmo, me questionando o porquê de estar ali e por qual motivo Esú teria me enviado pra lá. Até que Tata Caveira me chamou e me levou até uma tumba, riscando um ponto dos caveiras em cima dela. Ele invocou a força de um mago negro e pediu que eu cortasse meu pulso em cima, eu assim fiz e senti que a energia vital minha se esvaiu e fortaleceu aquele ponto. Nesse momento, um portal se abriu e um homem com capuz preto apareceu flutuando sobre a tumba e ele me fez levitar e entrar com ele dentro daquele portal, nesse momento eu senti a vibração energética do lugar ficar muito obscura e sombria. Eu não sentia mais as energias dos meus orixás perto de mim, apenas a de Esú, e então o Mago me disse:

— Você foi bom, continuou no caminho da magia, saiu um pouco fora e quase perdeu o laço conosco, mas ao conhecer a Sinhá você retornou as origens...

Eu sem entender nada, perguntei:

— Quais origens?

E ele respondeu:

— Em poucos instantes você tornará a se lembrar...

Chegamos a um grande salão e havia um grande ornamento feito no chão, no centro do salão, semelhante a um buraco feito de ossos negros que tinha um líquido verde e bem aceso dentro. Semelhante a um lago em forma de círculo com estacas de ossos ao redor. Havia também uma grande porta com mais de vinte metros de altura. Muitos espíritos semelhantes ao mago que me guiou até ali chegavam com outros espíritos também. O mago que me trouxe até ali ordenou que eu me banhasse no lago e eu o questionei sobre o que estava acontecendo.

No que ele me disse:

— Seu senhor se aproxima com sua coroa Sizuno. Chegou a hora de sua re-

compensa. Entre no recipiente e se banhe...

E meio que zonzo e induzido por uma força mental que me deixava em um êxtase prazeroso, fui até o lago e adentrei. Muitos espíritos faziam o mesmo. De repente, comecei a perceber que tudo estava girando. Comecei a ouvir um cântico muito alto que se assemelhava a uma invocação tenebrosa, e começaram a surgir as lembranças em minha mente. O padre, o hindu, o mago persa, os negros no tronco, tudo começou a vir e eu tentei sair correndo do lago até que algo se apossou de mim e eu fiquei durante alguns minutos de olhos fechados e recebendo toda aquela consciência, mas dessa vez com mais tranquilidade...

Até que ouvi me chamarem e me trazerem a lucidez. Quando abri os olhos o mago me perguntou:

— Qual é meu nome?

E eu o fitei dentro dos seus olhos e pensei um pouco e respondi:

— Mem, Mem, Memphis?

E ele gargalhou dizendo:

— Até que enfim você voltou Belzebu. Chegou seu grande dia: o dia do seu Pacto. Agora você será um da corte, assim como eu.

Eu lhe lancei um olhar profundo e experiente. Não esbocei reação alguma e apenas lhe respondi seriamente:

— Certo.

Ouvi então trombetas tocarem, era o sinal que a grande porta iria se abrir. Percebi que neste momento Baalzebu se achegou perto de mim e eu o reverenciei. Ele me deu sua mão para beijar. Eu beijei seu anel de ouro com uma pedra vermelha. Nesse momento, eu vi que meu corpo, que ainda era o de Sizuno, se transformou em bode também. Minhas pernas que havia marcas de queimadura se tornaram de bodes. Meu porte físico ficou maior e mais forte. Minhas mãos se tornaram como as de um demônio e meu rosto como de um diabo com chifres e ele me disse:

— Essa é a sua forma, você não é mais um homem e não voltará mais a ser depois que passar por esta cerimônia. Agora você irá ser aquilo que os homens mais temem na terra: O Diabo!

O imenso portão se abriu e eu vi um dragão enorme, todos abaixaram a cabeça

até o chão, e Baalzebu de joelhos diante de mim entoava cânticos e rezas àquele dragão. Era um idioma totalmente desconhecido, impronunciável. O grande Dragão abriu os olhos fumegantes. Não se via o corpo dele, se via apenas o rosto entre sombras e um forte cheiro de sangue e enxofre. Nesse instante ele abriu a boca e dela saiu fogo que veio para as mãos dos que estavam de joelhos e entoavam cânticos assim como meu mestre Baalzebu. Nessa hora ele manipulou aquele fogo e o colocou dentro da minha cabeça. Eu senti meu corpo todo estralar e energias saírem do meu corpo como se fossem escamas negras que saiam flutuando. As portas se fecharam ao som de trombetas, e Baalzebu me disse:

— A partir de hoje você não precisa mais voltar para o corpo. A partir de hoje você foi pactuado na força de um dos seres mais sombrios e poderosos deste mundo. Faça sua história ser grande, se torne um grande espírito servo das sombras! Nessa terra brasileira você alcançará muito poder e seu nome não será esquecido por aqueles que lhe conhecerem, você hoje é Exu Belzebu. Use a magia que aprendeu nesse solo e com os deuses daqui e você será muito bem sucedido. Minha força é contigo.

Abriu-se um portal e foi-me ordenado que entrasse na mesma hora. Ao entrar eu caminhei e fui me dar conta de estar na frente de um terreiro. Havia um padê na frente e uma vela acesa no chão. Me aproximei e ao tocar no padê, uma fumaça saiu de dentro dele e me plasmou uma capa preta e vermelha, um chapéu preto em minha cabeça e um charuto em minhas mãos. Nesse instante eu ouvi a gargalhada de Esú e senti um vento que me guiava para dentro daquele terreiro onde se louvava a força de Exu junto com a do Diabo. Dali em diante, era eu o capeta e chegava a hora de assumir o meu posto como maioral da Quimbanda... E eles cantavam:

'É hora, é hora
Exu Belzebu
É quem comanda agora!'

Continua...

Em uma época antiga, dentro dos confins católicos, a sombra da magia negra existia. Não eram magos e nem feiticeiros que a praticavam, mas sim os padres e bispos da alta corte religiosa.
Era sob o manto da escuridão da noite e do ocultismo que invocávamos as forças mais diabólicas dentro dos sepulcros subterrâneos das catedrais romanas. As imagens crísticas eram invertidas e o sangue de animais e humanos eram vertidos banhando nossas cruzes e nossas cabeças ungidas pelo óleo sacrossanto de Cristo.

Exu Belzebu surge entre as sombras de uma epóca onde a humanidade permanecia obscura e sem luz, dominada por Magos Negros e Deuses diabólicos e nessa história ele vem nos contar que os emissários dos Dragões e Senhores das Sombras podem estar bem mais próximos do que imaginamos...



ISBN 978-85-52995-00-5
9 788552 995005